



Revista
Adventista

FEVEREIRO 2017

Criação, Salvação e a Divindade de Cristo

O TESTEMUNHO
DO EVANGELHO
DE JOÃO 1

06 **O VERBO ETERNO**
E o Verbo era Deus?

22 **OFERTA E ADORAÇÃO**
"Sem oferta ninguém se aproxima
de Deus."

35 **LEI E LIBERDADE**
Porque devemos observar a Lei
de Deus?

Ano 78 - Nº 837 - €1,90



1 646188 617020



“SE TODOS FIZESSEM DA BÍBLIA O SEU ESTUDO,
VERÍAMOS UM POVO MAIS DESENVOLVIDO,
CAPAZ DE PENSAR MAIS PROFUNDAMENTE,
MANIFESTANDO MAIOR INTELIGÊNCIA
DO QUE OS QUE, À PARTE DA BÍBLIA, TÊM
DILIGENTEMENTE ESTUDADO AS CIÊNCIAS
E HISTÓRIAS DO MUNDO.”

ELLEN G. WHITE, NOS LUGARES CELESTIAIS
– MM 2011, P. 130, ED. P. SERVIR.



VIVER MAIS
A ESPERANÇA

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail revista.adventista@pservir.pt

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento MDI – Design e Impressão
V. N. Famalicão

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



DEVOCIONAL

10

A cidade de ouro

Geralmente concebe-se a Nova Jerusalém como uma tímida Nova Iorque de ouro, cheia de torres. Porém, não foi isso o que o apóstolo João viu.



INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

26

Já ocorreram os sinais no Sol, na Lua e nas estrelas?

“E logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá e a lua não dará a sua luz e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas” (Mat. 24:29).



HERANÇA ADVENTISTA

29

Minneapolis, 1888 – Um marco na história do Adventismo

Ao longo de mais de cem anos os Adventistas do Sétimo Dia têm olhado para a sessão da Conferência Geral de 1888 como um marco na sua história.

04 A IGREJA INVISÍVEL

EDITORIAL

05 CALENDÁRIO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

19 NOTÍCIAS NACIONAIS

06 O VERBO ETERNO › BÍBLIA

Nesta nota sobre João 1:1 procuraremos compreender o pensamento de João no que toca à relação do Verbo com Deus.

12 CRIAÇÃO, SALVAÇÃO E A DIVINDADE DE CRISTO › ARTIGO DE FUNDO

Até à época de Darwin, os Cristãos geralmente acreditavam numa Criação literal que teria ocorrido há cerca de 6000 anos.

22 OFERTA E ADORAÇÃO › TEOLOGIA

Conheça o significado das ofertas a Deus nos tempos bíblicos.

32 ELLEN G. WHITE E AS CRENÇAS FUNDAMENTAIS ADVENTISTAS › ESPÍRITO DE PROFECIA

Os Adventistas do Sétimo Dia creem que Deus chamou Ellen G. White para desempenhar um ministério profético que teve uma função vital na fundação e no estabelecimento da nossa Igreja.

35 LEI E LIBERDADE › REFLEXÃO

Ironicamente, o amor, a moralidade e a liberdade estão enraizados na Lei de Deus, o que explica por que razão Satanás odeia essa Lei e por que razão Deus nos ordena que a observemos.





A verdade da Criação

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem a Bíblia como Palavra fidedigna de Deus. Não existe qualquer incerteza sobre a sua veracidade. Os Adventistas do Sétimo Dia não têm qualquer dúvida de que Deus criou o mundo em seis dias e ao sétimo descansou. Esta certeza não se apoia em qualquer outro fator que não no relato bíblico, onde é dito que todas as coisas foram criadas por Deus (Gênesis 1:1), e nas evidências que saltam aos olhos, quando olhamos ao nosso redor e constatamos a existência de uma elevada complexidade que apenas um Ente Divino poderia originar.

Por outro lado, a fé é um instrumento da maior relevância, quer para nos aproximarmos da essência da Bíblia, quer para a definição dos valores morais que deveriam reger a nossa sociedade. A crença na Criação é fundamental para a compreensão dos motivos e das intenções de Deus ao criar este Planeta. Não foi por acaso que, depois de ter criado a biosfera, Deus disse que tudo “era muito bom” (Gênesis 1:31).

Queremos também destacar a importância de Deus ter criado o mundo em sete dias literais (e não simbólicos), dando assim origem a uma semana literal idêntica

às semanas dos nossos dias. De igual modo, a existência do Sábado, o sétimo dia, como dia sagrado, é de extrema importância para nós, hoje, e continuará a sê-lo por toda a eternidade. Ainda hoje o nosso calendário nos diz que existe um dia semanal que foi criado para ser o dia de descanso (*sabbath*, em hebreu).

Por outro lado, a Criação permite-nos conhecer mais e melhor a natureza e os propósitos de Deus. Ela indica-nos a origem da espécie humana, bem como os aspectos fundamentais no propósito da nossa existência. A origem da instituição do casamento, a origem da família, indica-nos o significado do plano original de Deus para a Humanidade.

A doutrina da Criação ocupa também um lugar importante na mensagem e na missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia no que toca à preservação e à proteção da própria Natureza. Porque creem na Criação tal como descreve a Bíblia, os Adventistas do Sétimo Dia têm a responsabilidade de proclamar essa crença, de modo a proteger a Criação e a anunciar a Redenção. Aliás, essa doutrina está incluída na mensagem dos três anjos de Apocalipse 14 que a nossa Igreja prega: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo

um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra [...] e dizendo, em grande voz: [...]. *Adorai aquela que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas*” (Apocalipse 14:6 e 7).

Porque creê na Bíblia Sagrada, a Igreja Adventista do Sétimo Dia rejeita qualquer crença na Evolução, apresente-se esta na sua versão naturalista ou teísta. Afinal, está claramente escrito que Deus “fez a terra pelo seu poder; ele estabeleceu o mundo por sua sabedoria, e com a sua inteligência estendeu os céus” (Jeremias 10:12). Quando lemos o primeiro capítulo do Evangelho de João, descobrimos que tudo teve um princípio através do poder divino de Deus. “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez [...]. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (João 1:1-3, 14). Assim, enquanto crentes fiéis à Palavra de Deus, não podemos deixar de ser defensores da doutrina da Criação. ✦

Pr. Antônio Rodrigues
presidente da UPASD



DIAS ESPECIAIS

Fevereiro

11-18	Semana do Lar e da Família
18	Formação em Comunicação
24-28	Encontro da Geração Adventista em Missão

Março

04	Dia Internacional de Oração da Mulher
11-18	Semana de Oração JA
18	Dia Global da Juventude/Dia Global das Crianças
25	Dia da Educação

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Fevereiro

06-10	Publicadora <i>Saatkorn</i> (GU)
13-17	União Romena (RU)
20-24	Instituto Teológico de Cernica (RU)
27/02-03/03	Associação da Baixa Saxónia (NGU)

Março

06-10	União Suiça (SU)
13-17	Escritórios Nacionais da ADRA (EUD)
20-24	Semana de Oração da Juventude
27-31	Associação da Suíça Franco-Italiana (SU)

PRESENÇA NOS MEDIA



FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

22/02	Quarta-feira
06/03	Segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

Não haverá.

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



A Verdade Cristã

Ernesto Ferreira

O Pastor Ernesto Ferreira foi uma personalidade ímpar na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal. Não apenas pelos cargos de relevo que desempenhou no seio da organização Adventista, mas também pela sua obra publicada. Para além de muitas dezenas de artigos, Ernesto Ferreira publicou seis livros. Entre eles destaca-se a obra *A Verdade Cristã – À luz da Razão, da Revelação Divina e da Tradição*. Este livro é o seu testamento literário. Apresentando uma estrutura complexa, ele divide-se em três partes: Parte I – A verdade cristã à luz da razão; Parte II – A verdade cristã à luz da revelação divina; e Parte III – A verdade cristã à luz da tradição. Cada uma destas partes é composta por vários capítulos. Por exemplo, a Parte I divide-se em quatro capítulos, sendo que o primeiro procura comprovar historicamente a existência de Jesus. Este capítulo é especialmente interessante, porque indica as fontes históricas cristãs, judaicas e pagãs que testemunham acerca da historicidade de Jesus de Nazaré. Da Parte II podemos destacar o capítulo 4, que tem como tema o divino Espírito Santo. Em 15 páginas, o Pastor Ernesto Ferreira expõe o essencial sobre a terceira Pessoa da Trindade. Na Parte III põe-se em relevo o capítulo 4, que apresenta os meandros históricos da substituição do Sábado pelo domingo. São aí discutidos os fatores que levaram ao abandono do Sábado em favor do domingo a partir do século II. Nesta Parte III poderíamos destacar também o capítulo 8, dedicado a explicar a origem histórica e teológica da conceção sobre a alma imortal. Na verdade, todo este livro de Ernesto Ferreira é uma mina de ouro, pois ele aborda de forma sucinta e acessível, mas com autoridade, os principais temas teológicos que devem ser do nosso conhecimento para que possamos ser mais eficazes no testemunho sobre as nossas crenças e na defesa da nossa fé. Assim, caro Leitor, é com agrado que lhe recomendo vivamente a aquisição deste livro. Dado que se trata de um livro importante para a formação dos crentes Adventistas portugueses, ele poderá ser adquirido até ao final do mês de março do corrente ano por um preço especial. Adquira hoje mesmo o seu! ✨



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista

O Verbo eterno

Nota sobre João 1:1

O prólogo do Evangelho de João tem, desde sempre, maravilhado os comentaristas devido à sua profundidade teológica. Esta profundidade é particularmente evidente no primeiro versículo do prólogo. Nesta nota sobre João 1:1 procuraremos compreender o pensamento de João no que toca à relação do “Verbo” com Deus. Temos como objetivo proceder a uma exegese que desvendará o significado teológico do versículo que escolhemos comentar. Dividimos a nossa análise do referido versículo em três secções, secções essas sugeridas pela própria construção gramatical deste.

No princípio (João 1:1a)

João abre o seu discurso sobre o Verbo com uma referência ao “princípio”. Ele faz aqui alusão ao princípio temporal da Criação exposto em Génesis 1:1 (LXX).¹ Portanto, João começa por colocar a existência do Verbo já no instante inicial que inaugurou a criação do Cosmos por Deus.² Ele declara que o Verbo já “era” (“ἦν” – “ên”) no primeiro instante do tempo. O contraste do verbo “ser”, no passado (“ἦν”), usado para designar

o Verbo, com a expressão verbal “vir a ser” (“γίνεσθαι” – “*gines-thai*”), utilizada para se referir as entidades criadas (João 1:3), é aqui significativo.³ Este verbo “ser” conjugado no passado sugere claramente a pré-existência eterna (atemporal) do Verbo antes do primeiro momento temporal de fundação do Universo.⁴ O verbo “ser” no passado prolonga infinitamente a existência do Verbo na eternidade *antes* do “princípio”.⁵ O Verbo existe antes do tempo e antes do Cosmos. De facto, o livro de Génesis diz-nos que Deus criou “no princípio” o Cosmos pela Sua palavra. Outros textos do Antigo Testamento indicam o papel específico da palavra divina na Criação (*e.g.*, Salmos 33:6, 9; 119:89; Isaías 55:11).⁶ O próprio João diz-nos que o Verbo criou tudo o que existe (João 1:3). Portanto, o Verbo de Deus, como Seu agente criador, existe com Deus antes de toda a Criação. Assim, Ele é incriado, isto é, eterno. O Verbo já existia – na eternidade – antes da existência do tempo, que começou precisamente “no princípio”. Além do mais, nunca houve um instante no tempo sem a existência do Verbo.⁷ Portanto, João afirma claramente que o Verbo não é uma criatura de Deus, dado que Ele já existia, de modo absoluto, no primeiro instante temporal (“no princípio”) da Criação do Cosmos por Deus.⁸ Na verdade, Ele é o agente da Criação, nomeadamente da criação do tempo. Portanto, Ele é eterno.

João não define como era o modo de ser ou a essência do Verbo de Deus antes do “princípio” ou “no princípio”. Mas o próprio sentido do próprio termo “Verbo” (ἰΛογοςῆ – “*Logos*”) implica

que o Verbo é a comunicação objetiva e a expressão atuante do pensamento de Deus. Portanto, Deus não somente criou pelo Seu Verbo o Universo segundo um plano ideal pré-estabelecido, mas Ele também Se revela e Se manifesta por meio d'Ele às Suas criaturas inteligentes. O Verbo é também o meio de comunicação de Deus com os homens (cf. João 1:5, 9). O modo como João fala do Verbo divino no seu prólogo permite perceber que ele confere personalidade ao Verbo de Deus. O Verbo divino – ο Λογος – torna-se para João numa entidade pessoal – uma *hipostase* – que exprime e incorpora o pensamento divino em ação no Universo.

O Verbo junto de Deus (João 1:1b)

Depois de ter estabelecido a existência eterna e pessoal do Verbo (João 1:1a), João caracteriza a relação pessoal do Verbo com Deus. Colocando a ênfase na existência de uma relação entre o Verbo e Deus, João faz imediatamente, de modo implícito, a distinção entre o Verbo dotado de personalidade e a pessoa de Deus.⁹ No entanto, esta distinção permite a existência de uma relação pessoal. Para João, o Verbo enquanto Pessoa tem, efetivamente, uma íntima relação pessoal com Deus. O Verbo não somente já existia “no princípio”, mas Ele já existia então numa chegada relação com Deus.¹⁰ A existência desta relação é indicada pelo emprego da preposição ἰπροςῆ (“*pros*”) com o modo acusativo. A preposição indica um movimento do Verbo em direção a Deus. O Verbo encontra-se numa proximidade dinâmica com Deus.¹¹ A existência do

Verbo está orientada para Deus. Com efeito, a preposição “προς” indica a existência de relações pessoais entre os dois. O Verbo e Deus não existem simplesmente lado a lado; há uma relação viva e uma comunhão recíproca entre os dois, fundadas sobre a existência de personalidades separadas. Assim, o Verbo não é simplesmente um atributo ou um poder de Deus. Ele é uma Pessoa que Se encontra na presença de Deus e que está orientada para Ele numa comunhão eterna.¹² João afirma, assim, a união do Verbo com Deus antes da criação do Universo. Ora, no seu Evangelho, João enfatiza constantemente a intimidade essencial do Verbo incarnado com Deus (João 3:2; 8:29, 38; 16:32). Para ele, o Verbo incarnado estava com Deus antes mesmo da criação do Universo (João 17:5). Este “Deus” (com o artigo definido: ἰο Θεοςῆ ñ “*ho Theos*”) com Quem o Verbo está intimamente relacionado é o Deus verdadeiro, designado *YHWH*, por Israel, e *Pai*, pelos Cristãos.

Portanto, ao fazer a distinção entre o Verbo e Deus em João 1:1b, o evangelista João não está a despir o Verbo da natureza divina. João 1:1c mostra bem que o Verbo é também essencialmente Deus. O apóstolo afirma simplesmente a distinção das pessoas no seio de Deus. No entanto, esta distinção de pessoas é concomitante com uma identidade de propósito que existe entre o Verbo e Deus. Esta eterna identidade de propósitos que existe entre as duas Pessoas divinas é revelada pelo facto de que “o Verbo estava com Deus” desde a eternidade. O Verbo e Deus não são a mesma Pessoa, mas estão unidos num

mesmo propósito. Esta unidade absoluta de pensamento, vontade e ação é afirmada pelo Verbo incarnado (João 10:30; 14:11, 20; 17:10).¹³

A divindade do Verbo (João 1:1c)

Depois de ter declarado a existência eterna do Verbo e a existência de uma relação eterna entre o Verbo e Deus, João afirma a divindade do Verbo: “O Verbo era Deus.”¹⁴ É a conclusão necessária das suas afirmações anteriores. Portanto, tudo aquilo que podemos dizer sobre Deus também podemos dizer sobre o Verbo. João não diz que o Verbo era simplesmente “divino” num sentido secundário ou derivado. Se João quisesse relativizar a divindade do Verbo, ele teria utilizado simplesmente o adjetivo “divino” (ἰθαιοῦς ἢ “*theios*”) para designar a Sua “divindade” relativa. O Verbo seria então simplesmente um “ente divino”. Mas João não o fez.¹⁵ João emprega o substantivo “Deus” (“Θεός”

– “*Theos*”) para caracterizar o modo de ser do Verbo. Trata-se da mesma palavra empregue em João 1:1b para designar o próprio Deus. “Deus” (ἰΘεοῦ) é, em João 1:1c, um atributo do sujeito, isto é, do Verbo. Ele denota a essência que é própria de Deus e do Verbo.¹⁶ É verdade que a palavra “Deus” é empregue em João 1:1c sem artigo (ao contrário de João 1:1b). Mas esta ausência do artigo é necessária para se poder qualificar a essência divina do Verbo sem O identificar estritamente com “Deus”. O Verbo não é “Deus”, o Pai, mas Ele também é “Deus” na Sua essência. Portanto, João não diz simplesmente que há qualquer coisa de “divino” no Verbo, nem diz que o Verbo é “um deus” subordinado ao Deus supremo. Ele está, sim, a afirmar que o Verbo é também “Deus”, em comunhão com o próprio Deus.¹⁷ Esta afirmação é enfática, como se deduz da construção gramatical da frase no grego, pois o termo “Deus” está colocado an-

tes do verbo, isto é, no começo da proposição (ἰκαὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος ἢ “*kai theos ên ho logos*”).

No entanto, quando João afirma que o Verbo era Deus, devemos compreender esta afirmação no quadro do monoteísmo judeu. De facto, João reconhece a existência de um só Deus (João 5:44; 17:3). Portanto, quando João afirma que o Verbo era “Deus”, mas que Ele não é “Deus” Pai (distinguido do Verbo por João em João 1:1b), ele pretende dizer que o Verbo e Deus são distintos como Pessoas, mas são idênticos em essência. O Verbo possui a essência divina, exatamente como “Deus” Pai. E Ele possui essa essência desde a eternidade, dado que Ele “era Deus” já desde o “princípio”. A essência divina do Verbo é manifestada pela Sua atividade na Criação (João 1:1-5), na revelação (João 1:5, 9-12, 18) e na redenção (João 1:12-14, 16 e 17).¹⁸ É esta unidade de essência que permitiu ao Verbo



incarnado afirmar a Sua unidade absoluta com Deus (João 10:30; cf. João 10:38; 14:9 e 10). Portanto, a unicidade de Deus não exige a redução da posse da essência divina a um só Ente. Esta unicidade exclui também a existência de uma relação de subordinação essencial do Verbo a Deus. O Verbo existe em plena igualdade ontológica com Deus. Assim, depois da atribuição da plena essência divina ao Verbo, podemos compreender melhor por que razão o Verbo existia “no princípio” numa comunhão íntima com Deus.¹⁹ Ele já então estava com Deus porque Ele é, Ele mesmo, Deus. Ele possui o mesmo estatuto ontológico devido por Deus.²⁰

Conclusão

Chegámos ao termo da nossa análise do primeiro versículo do prólogo do Evangelho de João. As conclusões que podemos dar por adquiridas são fáceis de exprimir: (1) O Verbo existe desde a eternidade e é uma Pessoa no seio da Divindade triúna; (2) o Verbo está em comunhão eterna com Deus; e (3) o Verbo

é essencial e plenamente Deus, sem que exista uma relação de subordinação essencial entre o Verbo e Deus. Estas três conclusões permitem-nos estabelecer a existência de uma riqueza ontológica no seio da Divindade e, ao mesmo tempo, afirmar expressamente que Jesus, o Verbo incarnado, possui plenamente a essência divina. ✨

Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

1. Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (I-XII)*, The Anchor Bible n° 29 (New York: Doubleday, 1966), p. 4, e Rudolf Schnackenburg, *The Gospel According to John*, 3 vols (New York: The Seabury Press, 1980), vol. I, p. 232. Estes dois autores defendem que a expressão “no princípio” não é uma referência ao princípio da Criação, mas refere-se ao período na esfera de existência de Deus anterior à Criação. Esta posição é insustentável, pois a expressão “no princípio” tem um sentido claramente temporal, mas a esfera eterna de Deus antes da Criação é necessariamente atemporal. Além do mais, a expressão “no princípio” é manifestamente uma citação de Génesis 1:1 (LXX), e este versículo indica a inauguração (necessariamente temporal) do Universo por Deus.

2. Craig S. Keener, *The Gospel of John – A Commentary*, 2 vols (Peabody, Mass.: Hendrickson, 2003), vol. I, pp. 365 e 366.

3. Henry van den Bussche, *Jean – Commentaire de l'évangile spirituel* ([s.l.]: Desclée de Brou-

wer, 1976), p. 77. Claude F. Molla, *Le quatrième évangile* (Genève: Labor et Fides, 1977), p. 23. Rudolf Bultmann, *The Gospel of John – A Commentary*, trad. G. R. Beasley-Murray (Oxford: Basil Blackwell, 1971), p. 31.

4. J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary, 2 vols (Edinburgh: T. & T. Clark, 1976), vol. I, p. 2.

5. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of John's Gospel* (Minneapolis, Minn.: Augsburg, 1961), p. 27.

6. Charles L'Eplattenier, *L'évangile de Jean*, Genève: Labor et Fides, 1993, pp. 19 e 20.

7. Leon Morris, *The Gospel According to John* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1971), p. 73.

8. Xavier Léon-Dufour, *Lecture de l'évangile selon Jean*, 4 vols (Paris: Éditions du Seuil, 1988), vol. I, p. 67.

9. Raymond E. Brown, *op. cit.*, p. 5. Contra Henri van den Bussche, *op. cit.*, p. 78.

10. Leon Morris, *op. cit.*, p. 76.

11. No entanto, no grego *Koiné* as preposições tinham perdido em parte o significado semântico estrito que tinham no grego clássico. Portanto, a preposição *πρὸς* tem aqui sobretudo o sentido da proximidade dinâmica. Craig S. Keener, *op. cit.*, p. 370. Veja-se também J. H. Bernard, *op. cit.*, p. 2.

12. R. C. Lenski, *op. cit.*, pp. 32 e 33.

13. Rudolf Schnackenburg, *op. cit.*, p. 233. Claude F. Molla, *op. cit.*, p. 24.

14. J. H. Bernard, *op. cit.*, p. 2.

15. Raymond E. Brown, *op. cit.*, p. 5.

16. Rudolf Schnackenburg, *op. cit.*, p. 234.

17. Leon Morris, *op. cit.*, pp. 76 e 77.

18. George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary n° 36 (Waco: Tx: Word Books, 1987), p. 11.

19. R. C. Lenski, *op. cit.*, p. 33.

20. Rudolf Bultman, *op. cit.*, pp. 33 e 34.

A cidade de ouro

A belíssima canção “Jerusalém de ouro” (*Yerushalayim Shel Zahav*), composta por Naomi Shemer em 1967, transformou-se num segundo hino nacional para o povo de Israel. Ela foi interpretada por grandes nomes da música, incluindo Ofra Haza, Roberto Carlos e o Adventista Leonardo Gonçalves. A sua poesia traduz dois milénios de anseio de um povo pelo regresso à sua capital espiritual. Ela inicia-se com o “ar das montanhas” numa cidade “aprisionada no seu sonho”. Fala acerca de uma Jerusalém solitária, recolhida em si, como tendo “um muro no seu coração”. “Choram os ventos nas cavernas das rochas”, lamentando as ausências no “mercado vazio”, enquanto Sião anela rever o seu povo no “templo da montanha” e os que descem “para o Mar Morto via Jericó”.

A saudade dá lugar a uma declaração de amor a Jerusalém, descrita em tons reluzentes, refletindo o imenso valor que os seus filhos exilados lhe atribuem. No refrão irrompe um cântico de incomparável

sonoridade na língua original: “Jerusalém de ouro, de bronze e de luz [*veshel or*]. Para todas as tuas canções eu serei o violino [*ani kinor*]”.

Aos que estão familiarizados com as profecias bíblicas

é impossível não relacionar esta poesia com a Nova Jerusalém – uma cidade cujo brilho dourado não é apenas poético, mas incrivelmente literal. Uma cidade que concentra em si a realização de todas as promessas de Deus aos fiéis de todos os tempos.

Contudo, apesar de muito se falar e se cantar a respeito da Jerusalém futura, é preciso ir mais além para se entender e – porque não? – para se sonhar com o que foi revelado sobre ela. Há algumas distorções a respeito da Nova Jerusalém. Isto reflete-se, por exemplo, nas conceções artísticas da cidade, geralmente desenhada como uma tímida Nova Iorque de ouro, cheia de torres. Porém, não foi isso o que o apóstolo viu.

A visão

Assim como o idoso Moisés subiu a um monte para ver milagrosamente toda a terra de Canaã (Deuteronómio 34:1-5), o velho apóstolo foi transportado a uma

“grande e elevada montanha” para contemplar a cidade santa, cuja extensão é incomparavelmente maior (Apocalipse 21:2, 10).

Nas descrições da Nova Jerusalém, predomina um literalismo singular no Apocalipse. A cidade é uma cidade, o muro é um muro, as portas são portas, a árvore da vida é uma árvore, o rio é um rio, o trono é um trono, etc.. Não há nenhuma indicação de um sentido subjacente a estes elementos. No entanto, cada componente literal da Nova Jerusalém tem uma representatividade especial para o povo de Deus.

Comecemos pelo formato da cidade, que João descreve como sendo um cubo gigantesco – “o seu comprimento, largura e altura são iguais” (Apocalipse 21:16). Isto remete o Leitor para o único recinto cúbico do Antigo Testamento: o lugar santíssimo do santuário terrestre, onde se manifestava a presença visível de Deus (I Reis 6:20; Êxodo 25:21 e 22). A Nova Jerusalém será, toda ela, o lugar santíssimo, no qual toda a Criação adorará Deus (Isaías 66:23; Apocalipse 21:22). Por isso, não haverá sentido em se construir ali um santuário, assim como não faria sentido colocar um aquário no fundo do mar.

As dimensões inimagináveis da cidade – “12 mil estádios” ou 2200 quilômetros – também têm muito a dizer. Alguns eruditos, talvez assustados com a magnitude do número, supõem que ele se refere à soma dos quatro lados. Porém, mesmo que fosse assim (com lados de 550 quilômetros), a cidade superaria em extensão as maiores metrópoles mundiais somadas, e as suas estruturas projetar-se-iam para o Espaço.

No entanto, também podemos acreditar que as medidas da cidade sejam de 2200 quilômetros, pois nela habitará Aquele que não pode ser contido nem pelos “céus dos céus” (II Crônicas 6:18).

Por outro lado, as enormes dimensões da cidade falam-nos sobre a “extravagância” da graça. A cidade reflete o “exagero” do amor de Cristo que foi “até ao fim” (João 13:1), mostrando-se gigantesco “em toda a sua largura, comprimento, altura e profundidade” (Efésios 3:18, *NTLH*). João descreve uma estrutura tão vasta que os seus zeros não cabem no visor de uma calculadora: grosso modo, ela equivale a um prédio de 733 mil andares, cada um com uma área de 4,84 trilhões de metros quadrados que ofereceria 17 trilhões de apartamentos de 200 metros quadrados. Tanto a cidade como o amor divino que ela reflete são singulares.

Lugar para todos

A Nova Jerusalém não será um clube de poucos. O sangue de Cristo não foi derramado para salvar apenas um punhado de pessoas, mas uma “grande multidão que ninguém podia enumerar” (Apocalipse 7:9). O amor de Deus, embora resistível, é amplo nas suas intenções, “não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (II Pedro 3:9).

Pouco antes de dar a Sua vida, Jesus afirmou que na “casa” do Seu Pai “há muitas moradas” (João 14:2), como se Deus quisesse receber todos os filhos em Sua casa, cada um com o seu lugar reservado. O que parece uma simples afirmação poética de Cristo torna-se real na Nova Jerusalém. A tradu-

ção cristã alterou a linguagem da promessa, ensinando que Cristo está a construir mansões. Porém, tanto Cristo como João nos falam de um novo lar, no singular, embora isso não impeça empreendimentos futuros na Nova Terra. O Pai quer-nos mais perto d'Ele do que imaginamos. “Deus mesmo estará com eles [todos os seres humanos salvos]. E lhes enxugará dos olhos toda a lágrima” (Apocalipse 21:3 e 4). Não há linguagem mais forte do que esta!

Há profundas lições eclesiológicas sobre os nomes das tribos de Israel escritos por cima das portas e sobre os nomes dos apóstolos escritos sobre os fundamentos da muralha, entre outros belíssimos aspetos. Todo este “eterno peso de glória, acima de toda a comparação” (II Coríntios 4:17), só nos faz sonhar e cantar sobre a nossa formidável Jerusalém de ouro. Por outro lado, imaginamos que o Céu também anseia pela nossa presença. Numa época tão solene como esta, ainda há tempo para repensarmos as nossas prioridades e ponderarmos sobre qual é o lugar a que verdadeiramente pertencemos. Neste mundo escuro “não temos cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hebreus 13:14). Nenhum atrativo desta Terra pode ser mais compensador do que entrar “na cidade pelas portas” (Apocalipse 22:14). Não é por acaso que o Apocalipse termina com o maior e o mais direto apelo da Bíblia: “Vem!” ✦

Diogo Cavalcanti

Editor na Casa Publicadora Brasileira

Publicado originalmente na *Revista Adventista* brasileira de janeiro de 2015.



Criação, Salvação e a Divindade de Cristo:

uma perspectiva sobre João 1:1-13

Até à época de Darwin, os Cristãos geralmente acreditavam numa Criação literal que teria ocorrido há cerca de 6000 anos. A obra de Darwin e o resultante desenvolvimento da Teoria da Evolução destruíram esta uniformidade de opinião entre os Cristãos e fizeram emergir, no seu lugar, várias abordagens diferentes.

Por um lado, muitos Cristãos, incluindo cientistas respeitados,¹ ainda defendem uma Criação literal. Esta é também a posição oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em contras-

te, a maioria dos membros da comunidade científica defende a Evolução. Entre a tese da Criação e a teoria da Evolução, no interior do próprio Cristianismo, desenvolveram-se alguns modelos

que tentam fazer a ponte entre as duas posições e explicar a história da Criação em Génesis 1 e 2 no interior de uma estrutura teórica evolucionista.

A dimensão científica desta discussão é empolgante. Também o é o estudo de Génesis 1 e 2. Mas o Génesis não é o único livro da Bíblia que fala acerca das origens. Espalhadas pelas páginas da Bíblia existem outras referências diretas e várias alusões à história da Criação.

Lucas, ao indicar a genealogia de Jesus, segue o relato do Génesis, remontando até Adão

e até Deus: “[Jesus] ... filho de Matusalém, Matusalém, filho de Enoque, Enoque, filho de Jared, este, filho de Maalalel, filho de Cainã, Cainã, filho de Enos, Enos, filho de Sete, e este, filho de Adão, filho de Deus” (Lucas 3:37 e 38, ARA). Paulo aponta repetidamente para Adão: “No entanto, a morte reinou, desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir” (Romanos 5:14); e “Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem” (I Coríntios 15:22); e “Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva” (I Timóteo 2:13). Jesus faz notar que Abel, o filho de Adão, foi o primeiro mártir: “Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes, entre o santuário e o altar” (Mateus 23:35). Hebreus 11, o capítulo da fé, contém uma longa lista de pessoas e de eventos retirados do Antigo Testamento. Ele começa com a história da Criação (v. 3); continua com Abel e Caim (v. 4); e menciona, entre outras, a história do Dilúvio (v. 7) – assumindo sempre a fiabilidade

histórica dos relatos descritos. Muitos outros exemplos poderiam ser citados.²

Qualquer perspectiva cristã sobre as origens deveria, assim, ter em conta também estes outros textos. Este artigo irá dar uma vista de olhos à linguagem sobre a Criação usada em João 1:1-13. O que nos ensina este texto acerca da posição bíblica sobre as origens?

“No princípio...”

João 1:1-13 é visto como sendo uma exposição acerca da divindade de Jesus.³ No entanto, no interior desta passagem há sete referências ou alusões à história da Criação.

A primeira encontra-se nas primeiras palavras do Evangelho. João 1:1 começa com as mesmas palavras – *en archê* (“No princípio”) – com que começa Génesis 1:1 na antiga tradução grega do Antigo Testamento, conhecida como *Septuaginta* ou *LXX*. “As primeiras palavras do Evangelho têm claramente a intenção de lembrar as primeiras palavras de Génesis”, faz notar John McHugh.⁴ Antes de tudo, Jesus já existia. Em João 1:2, João repete a afirmação para lhe dar ênfase: “Ele estava no princípio [*en archê*] com Deus.”

Como fez notar Herman Ridderbos, João refere-se “ao Ver-

bo e à existência do Verbo com Deus 'antes do mundo ter sido feito'”,⁵ querendo com isso dizer que Jesus não era parte da Criação. Ele estava ali, com Deus, antes de a Criação ter começado. Ele estava com Deus desde a eternidade.⁶ Ele não era alguém criado, mas era o Criador.

“...Deus...”

Em Génesis 1:1 Deus continua a ser o foco da atenção: “No princípio criou Deus os céus e a terra.” Também em João 1:1: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” Génesis apresenta a Pessoa de Deus, de forma sumária, como sendo uma unidade. Mas isto não significa que não esteja aí presente uma pluralidade. Nós encontramos uma variação reveladora entre a pluralidade e a unidade em Génesis 1:26 e 27: “E disse Deus: Façamos [plural] o homem à nossa [plural] imagem, conforme à nossa [plural] semelhança; ... E criou Deus [singular] o homem à sua [singular] imagem: à imagem de Deus [singular] o criou; macho e fêmea os criou.” De facto, a palavra hebraica *elohim* (“Deus”), usada repetidamente no relato da Criação, é plural.

O plural presente em Génesis 1 tem sido interpretado de vários modos,⁷ embora não haja qualquer razão para impedir a conclu-



são de que os plurais conjugados com a pessoa de Deus apontam para a Trindade.⁸ De facto, João desdobra a pluralidade no interior da divindade que estava sugerida em Génesis, explicando que Deus é composto de, pelo menos, duas Pessoas: o Pai, a Quem ele chama “Deus”, e Jesus, o Verbo, que também é Deus.

João faz notar duas vezes que o Verbo estava “com” Deus (João 1:1 e 2). A palavra grega traduzida por “com” não é a expectável preposição *meta* (“com”) ou, mesmo, *para* (“junto de”), mas a inusitada *pros* (“para” / “em direção a”). No grego bíblico as preposições sobrepõem-se frequentemente. Assim, alguns académicos aceitam que *pros* tenha aqui essencialmente a mesma força de *meta* ou *para*.⁹ Outros, mais corretamente, veem *pros* como indicando não apenas proximidade física, mas uma ligação e um relacionamento estreitos, uma profunda união do Verbo com o Pai. Edwin Abbott atribui-lhe o significado de “devotado a e em conversação com” Deus.¹⁰ Assim, há uma ligação estreita entre Deus e o Verbo, uma ligação fundada na natureza divina comum aos dois.

E João não nos deixa ficar por aqui. Tal como o Espírito aparece a pairar sobre as águas no relato da Criação (Génesis 1:2), da mesma forma João testemunha o facto de o Espírito não só ter pairado, mas também ter descido, sob a forma corporal de uma pomba, no batismo de Jesus (João 1:32).

Logos – O Verbo

Por três vezes em João 1:1 e uma vez em João 1:14 o apóstolo

refere-se a Jesus usando o título “Verbo”, *Logos*, um substantivo que é aqui usado como um título. Embora fosse costume, há algumas décadas, ver a origem deste título primeiramente no pensamento platónico, agora é reconhecido que, ao usar o termo *Logos*, João estava a recorrer ao pensamento hebraico.¹¹ À luz do uso abundante que João faz das imagens da Criação na sua introdução ao seu Evangelho, parece mais razoável que *Logos* também venha do relato da Criação.

O verbo *legô*, “falar”, de onde deriva *Logos*, aparece 11 vezes no texto grego de Génesis 1 (Gén. 1:3, 6, 9, 11, 14, 20, 22, 24, 26, 28 e 29), sempre em relação com os atos criativos de Deus. Isto não é surpreendente porque, de acordo com a história da Criação, tudo veio à existência através da palavra falada de Deus; exceto Adão e Eva, a quem Deus formou com as Suas mãos.

Do mesmo modo, *logos* é usado noutros textos em referência à Criação: “Pela palavra [*LXX: logos*] do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca” (Salmo 33:6). Ao ligar Jesus, o *Logos*, com o *logos* de Deus, que trouxe tudo à existência, João faz de Jesus o agente na obra da Criação, tese que expõe em João 1:3.

“Todas as coisas foram feitas por ele...”

João continua o seu hino a Jesus com mais uma referência à Criação: “Todas as coisas foram feitas [*egeneto*] por ele, e, sem ele, nada do que foi feito [*egeneto*] se fez [*gegonen*]” (João 1:3). Neste versículo, João usa três vezes formas do verbo *ginomai*, “vir a ser”,

“tornar-se”. Este verbo é usado profusamente (23 vezes) em Génesis 1 (*LXX*), em consonância com os atos criativos de Deus.

O facto de João tornar claro que todas as coisas foram feitas por Jesus não deixa espaço para se especular sobre meios alternativos para explicar a origem da vida. Como tal, o verbo *ginomai* esclarece ainda mais o conceito de que Jesus é o agente na obra da Criação.

O facto de que “todas as coisas foram feitas por ele” e de que “sem ele nada do que foi feito se fez” coloca automaticamente Jesus fora da ordem dos seres criados. Ele não fazia parte de todas as coisas que foram feitas. O pensamento já introduzido na primeira frase (“No princípio era o Verbo”), que mostra que Jesus existe antes e está para além da esfera da Criação, é claramente explicitado aqui de novo: Jesus é o Criador, não é criado.

“Nele estava a vida...”

João continua: “Nele estava a vida [*zôê*], e a vida [*zôê*] era a luz dos homens” (João 1:4). A dupla referência a *zôê* não é acidental. O conceito de “vida” desempenha um papel destacado no Evangelho de João. Enquanto os outros três Evangelhos se referem ao reino eterno de Jesus como sendo “o reino de Deus”, em João lemos, em vez disso, acerca da “vida eterna”. Dado que, através da fé em Jesus é recebida a vida eterna, é adequado que João tornasse claro que Jesus possui a vida e, como tal, é capaz de a comunicar.

Este conceito de “vida” também parece ter sido retirado do Génesis. Na história da Criação,

Deus soprou no nariz de Adão “o fôlego da vida” [*pnoên zôês*] (Gênesis 2:7), e Adão tornou-se “uma alma vivente” [*psuchên zôsan*]. Ele não possuía vida em si mesmo, mas recebeu a vida de Deus. Porque no Evangelho de João o *Logos* foi o agente da Criação, é provavelmente justo dizer que, para João, foi o *Logos* que Se ajoelhou sobre a forma inerte de Adão e soprou no seu nariz o fôlego da vida. Quando Eva foi criada, Adão chamou-lhe “Eva” (“Vida”, *Zôê* na *LXX*), porque “ela era a mãe de todos os viventes” (Gênesis 3:20).

Todos os seres humanos devem a sua vida a Eva, porque ela é a mãe de todos, e ela, por sua vez, foi criada a partir de uma costela de Adão. Adão, por sua vez, recebeu a sua vida de Deus. Nesse sentido, a vida de todos os seres humanos foi tomada de

empréstimo de Deus, o originador da vida. Por contraste, Jesus tem vida em Si mesmo, vida não criada, nem emprestada. A Sua vida foi partilhada com Adão; e esta mesma vida manifestar-se-á, quando chegar o momento, sob a forma de vida eterna para todos os que creem.

“[Jesus] ... a luz dos homens”

João declara depois que Jesus era “a luz dos homens”, e que essa “luz resplandece nas trevas” (João 1:4b, 5).

“Luz”, em grego *phôs*, é outro termo favorito de João.¹² Jesus é a “verdadeira” luz (v. 9) que veio ao mundo (João 3:19). Este pensamento de que Jesus é a verdadeira luz é repetido em João 8:12; 9:5; 12:36, 46. Além disso, encontramos no Evangelho de João um contraste repetido entre a luz e as tre-

vas. Embora a luz tenha vindo ao mundo, o mundo amou “as trevas” porque as suas obras são más (João 3:19; cf. 8:12; 12:35, 46; I João 1:5; 2:8-11). No entanto, aqueles que amam a verdade vêm para a luz (João 3:21) e já não caminham nas trevas (João 8:12).

O contraste entre a luz e as trevas apresentado na introdução do Evangelho de João e desenvolvido ao longo deste remete-nos para a Criação. No relato do Gênesis, a luz foi a primeira coisa que Deus criou, e a luz foi o elemento que dispersou as trevas, começando o processo da Criação; das trevas para a luz, do caos para a ordem. Em Gênesis não existe uma noção de que as trevas eram uma realidade negativa, embora depois de Deus ter criado a luz, Deus declarou que “era boa a luz” (Gênesis 1:4).



João retoma este tema e dá-lhe uma dimensão espiritual, no sentido em que o mundo, na sua pecaminosidade e por estar sem Deus, é tenebroso, mas a vinda de Jesus começou a dispersar as trevas e a trazer ordem e beleza espirituais. Tal como Jesus criou a luz para dispersar as trevas, do mesmo modo Ele trouxe luz espiritual para dispersar as trevas espirituais do pecado. Assim, a obra da redenção replica a obra da Criação no domínio espiritual.

Filiação

João apresenta uma referência final à Criação no conceito de filiação. Adão era um “filho de Deus” em virtude da Criação (Lucas 3:38). Ele era um “filho de Deus” tanto no sentido físico, como no sentido espiritual. Ele era fisicamente um “filho de

Deus”, porque Deus tinha-o criado com as próprias mãos. E ele era espiritualmente um “filho de Deus”, porque ele e Eva tinham sido formados à imagem e à semelhança de Deus. No entanto, a dimensão espiritual da filiação foi desfigurada quando Adão e Eva pecaram.

Mas agora, em Jesus, este processo pode ser revertido, e os seres humanos podem novamente tornar-se filhos e filhas de Deus, não apenas através da descendência de Adão e de Eva, mas também espiritualmente: “Mas, a todos quantos o [Jesus] receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome” (João 1:12).

João acrescenta depois que estes filhos de Deus “não nasceram do sangue [*aimatôn*], nem da

vontade da carne [*sarkos*], nem da vontade do varão [*andros*], mas de Deus” (v. 13). Estas três palavras – sangue, carne e varão – aparecem no relato do Génesis.

O sangue é um símbolo da origem do homem em Deus: “Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme à sua imagem” (Génesis 9:6). A carne remete para a criação tanto de Adão como de Eva (Génesis 2:21, 23), e, mais importante, para o plano divino do casamento e da procriação instituído no Éden: “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne [*sarka mian*]” (Génesis 2:24).

O termo “varão” remete para Adão como pai de todos os seres humanos e como fonte de onde



Eva foi criada: “Esta será chamada varoa, porquanto do varão [andros] foi tomada” (Gênesis 2:23).

O que João expõe em João 1:13 – e a sua menção do sangue, da carne e do varão – é uma justaposição entre o domínio físico da procriação estabelecida no Éden e o domínio espiritual. Depois da Criação, que teve a sua origem em Deus, a procriação ocorre através de meios físicos e é motivada pela vontade humana, resultando em pessoas que têm carne e sangue – o sinal da vida.

O novo nascimento, em comparação, surge essencialmente como uma repetição do ato da Criação – mas num sentido espiritual. O resultado não representa uma realidade física, mas antes uma nova realidade espiritual que replica a filiação de Adão e Eva – mas num plano mais elevado. Este renascimento espiritual representa um ato de Deus em que Este dá realidade à experiência do novo nascimento e transforma pecadores em filhos e filhas de Deus.

Avaliação

Avaliando a breve análise realizada até aqui, recordamos que tomámos nota de sete pontos teológicos presentes em João 1:1-13 que foram retirados do relato de Gênesis: (a) a frase “no princípio”; (b) a representação que João faz de Deus; (c) o título *Logos* aplicado a Jesus; (d) a apresentação de Jesus como sendo Aquele que trouxe a Criação à existência; (e) o conceito de *zôê*, “vida”; (f) o conceito da luz que dispersa as trevas; (g) e o conceito da filiação física e espiritual.

O que podemos concluir daqui? Primeiro, os Cristãos têm de

perceber que a história da Criação não é contada apenas em Gênesis 1 e 2. As imagens ligadas à doutrina da Criação estão presentes numa boa parte das Escrituras. Algumas destas passagens foram mencionadas na introdução deste artigo e na nota 2; e João 1:1-13 foi analisado com maior detalhe. Mas a ideia da Criação está patente no pano de fundo de muitos mais textos e de mais histórias bíblicas. Portanto, qualquer tentativa de adotar modelos alternativos para explicar as origens implica não apenas a rejeição de uma leitura literal de Gênesis 1 e 2, mas também uma releitura fundamental de muitas outras passagens das Escrituras, incluindo João 1:1-13, de um modo com que a maioria dos Cristãos não se sentirá confortável.

Segundo, existem provas de que João, em harmonia com outros autores bíblicos, aceita o relato de Gênesis como historicamente fidedigno. Se ele considerasse o relato da Criação como um mito melhorado, ele não o teria usado para construir a sua teologia. Como é que Jesus poderia estar “no princípio” com Deus, se não tivesse havido qualquer “princípio” no sentido bíblico do termo? Como é que Jesus podia ter sido o Criador, se, desde logo, não tivesse havido Criação? Como é que Ele poderia ser o Verbo criador, se não tivesse havido qualquer Verbo ativo no processo da Criação? Para que tipo de filiação somos restaurados, se nunca houve um Adão e uma Eva como filhos de Deus, mas os seres humanos evoluíram a partir de homínídeos?

A teologia de João pressupõe a fiabilidade histórica do fundamento sobre o qual ele constrói

essa teologia, a saber: a história da Criação. É a fiabilidade histórica do fundamento que ajuda a garantir a historicidade da teologia que sobre ele é construída. ✨

Kim Papaioannou

Pastor

Publicado originalmente na revista *Ministry* em novembro de 2016.

1. Por exemplo, John F. Aston, ed., *In 50 Days: Why 50 Scientists Choose to Believe in Creation*, Sidney: New Holland Publishers, 1999; David DeWitt, *Unraveling the Origins Controversy*, Lynchburg, VA: Creation Curriculum LLC, 2007.
2. Por exemplo, Mateus 13:15; 19:4 e 5; 25:34; Marcos 2:27; 10:6-8; 13:19; 16:15; Lucas 11:50; João 17:24; Atos 4:24; 14:15; 17:24, 26; Romanos 1:20, 25-27; 4:17; 5:12, 17-19; 8:19-22, 39; 11:36; I Coríntios 6:16; 8:6; 11:8 e 9; 15:45; II Coríntios 4:6; 5:17; 11:3; Efésios 1:4; 3:9; 5:31.
3. John F. McHugh faz notar que a primeira frase do Evangelho de João (João 1:1a) “afirma a pré-existência do *Logos*, a segunda (1b) afirma que Ele existia numa certa relação com Deus, e a terceira (1c) declara que Ele deve ser de algum modo identificado com Deus”. *João 1-4: A Critical and Exegetical Commentary*, New York: T & T Clark, 2009, p. 10.
4. McHugh, John 1-4. Cf. D. A. Carson, *The Gospel According to John*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991, p. 113.
5. Herman Ridderbos, *The Gospel of John: A Theological Commentary*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997, p. 24.
6. William Barclay, *The Gospel of John*, vol. 1, Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1956, pp. 43 e 44.
7. Por exemplo, McHugh, *John 1-4*, p. 6. Gerhard von Rad, *Genesis*, London: SCM Press, 1972, pp. 58 e 59.
8. Para além de Gênesis 1:26 e 27 há uma série de outros plurais usados em relação a Deus, por exemplo, Gênesis 2:18 (*LXX*); 3:22; 11:7; 20:13; 35:7; Êxodo 33:14; Deuterónimo 4:7, 37; Josué 24:19; Job 13:8; 35:10; Salmos 58:11; 149:2; Provérbios 9:10; 30:3; Eclesiastes 12:1; Isaías 6:8; 41:21-24; 54:5.
9. Por exemplo, C. K. Barrett, *The Gospel According to Saint John*, London, 1978.
10. E. A. Abbott, *Johannine Grammar*, London: Adam and Charles Black, 1906, pp. 2363-2366. Veja também a discussão detalhada de I. De la Potterie, “L’emploi dymanique de ετις dans Saint Jean et ses incidences théologiques”, *Biblica* 43, 1962, pp. 379-381.
11. Cf. William Barclay, *The Gospel of John*, vol. 1, Edinburgh: St. Andrews, 2001, pp. 29-43.
12. Oito referências em Mateus, 0 em Marcos, 7 em Lucas e 23 em João.

113 000 CAMPANHAS EVANGELÍSTICAS PLANEADAS PARA 2017

ANN/RA

113 000 campanhas evangelísticas serão realizadas em todo o mundo em 2017, o que constitui um número recorde, à medida que a Igreja Adventista do Sétimo Dia avança no seu esforço de espalhar o Evangelho através do Envolvimento de Todos os Membros (ETM).

As campanhas evangelísticas, que começarão em fevereiro em 4300 locais, na Romênia, Armênia, Bulgária, Geórgia, Moldávia, Ucrânia e Rússia, representam o culminar de muitos meses de oração e de preparação por parte dos membros locais, e o trabalho destes continuará muito depois de as reuniões terem terminado.

“Não se trata apenas de pregação. Trata-se do que cada crente pode fazer”, disse Duane McKey, responsável na Conferência Geral pela iniciativa ETM. “Trata-se de todos nós trabalharmos juntos para alcançarmos um grande objetivo. Isto significa que cada membro de Igreja procura partilhar Jesus com a sua comunidade.” Cada departamento da Igreja, do Departamento da Juventude ao Departamento da Escola Sabatina, procurará partilhar Jesus. Os ramos nacionais do *Hope Channel*, da AWR e da ADRA estão também a trabalhar para contribuir para este grande projeto de evangelização.

O programa de Envolvimento de Todos os Membros está calendarizado.

Estão estabelecidas datas para a realização de campanhas evangelísticas e os membros de cada igreja envolvida são convidados a participar na sua organização e implementação. “Um aspeto importante do programa ETM é que não se trata de um evento único”, disse McKey. “Se a sua igreja apenas organizar um seminário de cozinha vegetariana, terá poucos resultados.”

O plano deste ano procura emular a primeira grande iniciativa evangelística ETM que ocorreu no Ruanda, em maio de 2016, em que foram realizadas reuniões em 2227 locais e em que foram batizadas 110 476 pessoas. Das mais de 113 000 campanhas



agendadas para 2017, 2017 ocorrerão na Romênia entre 10 e 25 de fevereiro. Em junho, 20 000 reuniões ocorrerão na África Oriental. Os membros locais conduzirão a maior parte das reuniões, mas os líderes mundiais da Igreja e os líderes locais também participarão. McKey faz notar que a realização simultânea de múltiplas reuniões terá certamente um extraordinário efeito sobre o número final de batismos. ✨

A JUVENTUDE ADVENTISTA USA O FACEBOOK PARA EVANGELIZAR O UGANDA

ANN/RA

Mais de 250 pessoas foram batizadas como resultado de um convite lançado pelo Facebook para estarem presentes numa campanha de evangelização realizada durante três semanas numa região rural do Uganda. O grupo do Facebook designado SDA-U, com mais de 9000 seguidores entre a Juventude Adventista, usou recentemente a famosa rede social para convidar centenas de pessoas para o evento de evangelização, que foi realizado em Agago. Estima-se que cerca de 400 pessoas tenham assistido à campanha.

Roger Kaggwa, Diretor do Departamento de Comunicações da Associação do Uganda Central, afirmou que “o nosso coração foi tocado ao vermos Deus operar através destas reuniões. Louvamos Deus pela nossa juventude, que está a dedicar o seu conhecimento das redes sociais para espalhar o Evangelho”. O grupo de Facebook SDA-U foi fundado por três jovens: Samuel Okello, Andrew Ssegawa e Ivan Kiconco. Eles partilham a mesma vontade de evangelizar o seu povo. Okello, um natural de Agago, é o único Adventista na sua região e alegrou-se por poder partilhar a mensagem Adventista com as pessoas da sua vila.

Para além dos batismos que alcançaram, os jovens Adventistas reuniram mais de 5000 euros para construir uma nova igreja para os novos membros. Eles esperam conseguir reunir mais 12 000 euros, de modo a terminar a construção do edifício, que terá lugares sentados para 400 pessoas. A ideia foi bem acolhida pela Igreja no Uganda e espalhou-se como fogo na rede social.

A *Rádio Prime*, uma rádio Adventista que opera no território da Associação do Uganda Central, ajudou a promover a iniciativa “Agago para Jesus”. Vinte missionários foram enviados para o campo em Agago, para prepararem a campanha de evangelização que aí

foi realizada. Ivan Kiconco, acompanhado por 30 jovens, acampou em Agago e realizou várias iniciativas de serviço à comunidade.

Paul Muasya, Secretário-Executivo da Divisão Centro-Este Africana, que visitou a União-Missão do Uganda quando estavam a ser realizadas as reuniões em Agago, saudou o uso das redes sociais como instrumento de evangelização. Ele citou a campanha “Agago para Jesus” como um bom exemplo do que o uso das redes sociais pode alcançar.

A igreja mais próxima de Agago fica a 70 quilómetros. Esta igreja será um centro para os novos membros daquela região rural do Uganda. ✨



OS ADVENTISTAS ACOLHEM A NOVA LEI AMERICANA SOBRE A LIBERDADE RELIGIOSA INTERNACIONAL

ANN/RA

A legislação promulgada recentemente por Barack Obama, quando ainda exercia funções como Presidente dos EUA, representa um avanço importante no esforço global para combater a perseguição religiosa. O impacto potencial desta lei é enorme. Ela aumenta a ênfase da política externa dos EUA nas questões ligadas à liberdade religiosa. Ela impõe a formação de todos os diplomatas americanos na área da liberdade religiosa, institui a monitorização da repressão religiosa no mun-

do e dá destaque ao cargo de Embaixador para a Liberdade Religiosa Internacional.

“Nos anos mais recentes, temos visto a devastação das comunidades cristãs no Médio Oriente, bem como um aumento da violência religiosa em muitas partes do mundo”, disse Dwayne Leslie, Diretor-Associado do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da Conferência Geral. “Enquanto Adventistas, acreditamos que todas as pessoas, independentemente de onde habitam, têm direito a adorar ou não de acordo com a sua consciência. Esta liberdade

fundamental deve ser reconhecida e protegida pelos governos de todo o mundo.”

A aprovação desta lei – conhecida como a Lei da Liberdade Religiosa Internacional – deu-se nos momentos finais da legislatura de 2016 e contou com a unanimidade da Câmara dos Representantes e do Senado dos EUA. O então Presidente promulgou a lei no dia 16 de dezembro de 2016.

“A Igreja Adventista do Sétimo Dia encoraja os governos de todos os países a protegerem e a promoverem os Direitos Humanos em geral e o princípio de liberdade religiosa em particu-

lar”, explica Leslie. “Como tal, estamos muito satisfeitos por termos participado no esforço de promover a promulgação desta lei. Esperamos que esta nova lei estimule uma maior consciencialização, nos EUA e no mundo, da importância crucial do princípio da liberdade religiosa no seio do conjunto dos Direitos Humanos. E esperamos também que ela ajude os muitos milhões de homens, mulheres e crianças que são membros de minorias religiosas vulneráveis e que sofrem, por isso, maus-tratos por permanecerem fiéis à sua consciência.”

NOTÍCIAS NACIONAIS

BATISMOS EM AVEIRO

Ad7/RA

No sábado, 29 de outubro de 2016, houve alegria no Céu que contagiou a igreja em Aveiro, pois cinco preciosas almas selaram o seu compromisso com Deus, descendo às águas batismais. Cada um destes novos irmãos em Cristo teve o seu trajeto e a sua história até viverem esta experiência única na sua vida.

O casal Carvalho conheceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia há já alguns anos e desde cedo o Senhor os sensibilizou para darem este passo, mas, por várias razões e por diversas vicissitudes da vida, sempre foram adiando a decisão, até que, depois de frequentarem a classe bíblica, o Senhor uma

vez mais os tocou. Após uma última experiência dolorosa, que envolveu a saúde de um deles, tendo o Senhor respondido às suas orações e às da igreja, decidiram ambos descer às águas batismais neste sábado.

Outro tipo de experiência foi a do casal Leile e Neilton que, juntos, desceram às águas batismais. Este tem sido também um casal muito abençoado e acarinhado pela igreja.

Por fim, o irmão Cândido, oriundo da Igreja da Reforma, após várias conversas connosco, decidiu ser batizado em “toda a verdade” na Igreja Adventista do Sétimo Dia, pedindo um novo batismo a fim de se unir à verdadeira Igreja Remanescente.

Após a cerimónia, no apelo final, onze outras pessoas



(nomeadamente alguns jovens que têm vindo a estudar a Bíblia) levantaram-se, tocados pelo Santo Espírito, e responderam ao chamado. Este foi verdadeiramente um sábado inesquecível para a igreja em Aveiro. Oramos para que O Senhor

preserve aqueles que agora se uniram ao Seu povo, lembrando as palavras de Jesus aquando da Sua oração sacerdotal: “Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós” (João 17:11).



BATISMOS NA PÓVOA DE SANTA IRIA

Ad7 Notícias | Dep. Comunicação IASD Póvoa de Santa Iria

Foi com grande alegria e emoção que, na tarde do dia 12 de novembro de 2016, a igreja Adventista do Sétimo Dia da Póvoa de Santa Iria testemunhou a decisão da Mariana Constantino, de 12 anos, e da Susana Furtado, de 19 anos, de seguirem Jesus e descerem às águas batismais no batistério da igreja de Sacavém.

A Mariana Constantino, dedicada ao Senhor quando era bebé, cresceu a acompanhar os avós nas suas idas à igreja, integrando com grande alegria as atividades dos jovens e testemunhando de Jesus. Desde os 10 anos que tomou a decisão de se batizar, tendo aguardado pacientemente pelo momento certo para dar esse passo.

A Susana Furtado conheceu a Igreja há pouco mais de um ano, tendo começado desde logo a estudar a Bíblia e a interessar-se por

trabalhar com os mais pequeninos. Foi uma decisão espontânea e consciente que a levou a querer ser batizada juntamente com a sua amiga Mariana.

Assim, ambas as jovens testemunharam publicamente a sua decisão de aceitarem Jesus como seu Salvador e de se apresentarem perante a Assembleia com grande alegria, cientes da importância da cerimónia, respondendo de forma convicta a todas as perguntas que antecederam o momento de se dirigirem às águas ba-



tismais. A cerimónia batismal foi realizada e presidida pelo Pastor Enoque Nunes.

Desejamos que a Mariana Constantino e a Susana Furtado possam guardar no seu coração e colocar em prática todas as verdades que aprenderam, estando sempre prontas para testemunhar sobre Jesus. ✨

BATISMOS EM ANGRA DO HEROÍSMO

Elias Godoy
Pastor da IASD de Angra do Heroísmo

O casal Mário e Maria já frequentavam a igreja de Angra há algum tempo. Tinham feito todos os estudos bíblicos e não tinham dúvidas quanto às doutrinas. Concordavam até em serem batizados um dia... Frequentavam a classe bíblica e os projetos da igreja (como o grupo de artesanato, os encontros de

casais, etc.). Ainda que bem integrados, nunca decidiam pedir efetivamente o batismo. Foi durante as palestras evangelísticas do Pr. Luís Gonçalves, no mês de outubro, aqui em Portugal, que foram especialmente tocados pelas mensagens e, respondendo ao apelo, pediram publicamente o batismo. A cerimónia foi realizada no dia 15 de outubro, na igreja de Angra do Heroísmo. Ainda este ano, no passado mês de junho, já tinha havido outra

cerimónia batismal, neste caso do Sr. Estilista, pai e avô de uma família oriunda de Cabo Verde, que, atualmente, frequenta a igreja de Angra. Ele conheceu o Evangelho por intermédio de familiares, antes de vir para esta ilha do arquipélago dos Açores. Mesmo não havendo registo fotográfico deste batismo, não queremos deixar de o mencionar igualmente. Louvamos Deus pela decisão de mais estas preciosas almas e fazemos votos de que todo



o trabalho missionário e todos os projetos evangelísticos deste Campo e ao redor do mundo sejam abençoados. ✨

BATISMOS EM BRAGA

Ad7 | Elisabete Pedras do Vale
Diretora de Comunicação da IASD de Braga

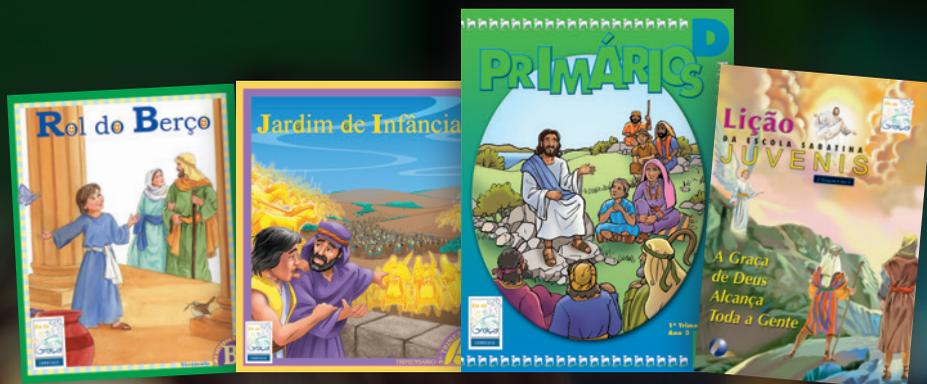
No dia 22 de outubro de 2016 houve festa no Céu e na igreja de Braga! Neste dia, que é um marco tão importante para a Igreja Adventista do Sétimo Dia,

quatro jovens decidiram testemunhar perante a Igreja e o Universo que aceitam Jesus como seu Mediador e Salvador. Que tremenda decisão! Já há alguns meses que eles estavam a estudar a Bíblia: queriam compreender o que a Bíblia ensina, queriam conhecer Deus e preparar-se para a maior decisão da sua

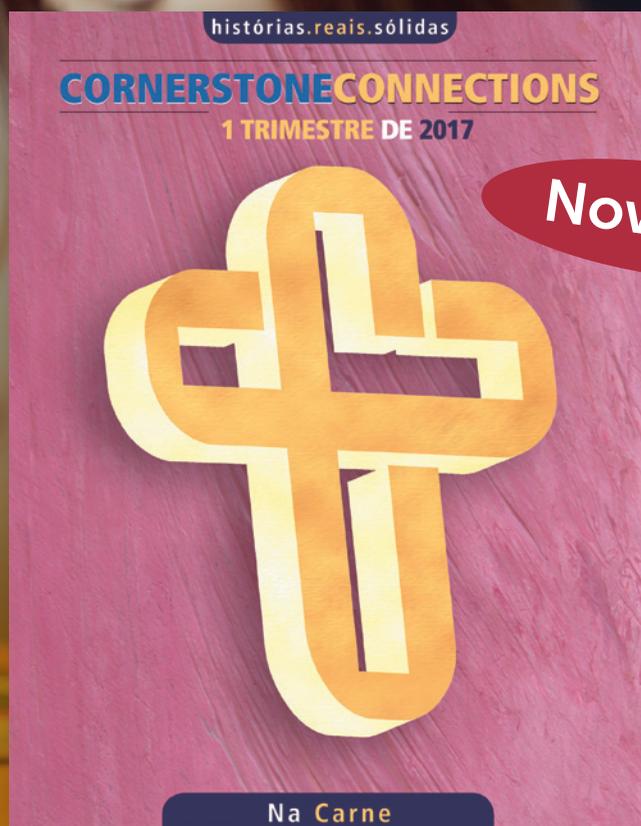
vida. Enquanto estudávamos acerca do santuário e do ministério profético de Ellen White, tornou-se evidente na mente deles que este era o dia para entregarem a sua vida a Jesus. Quisemos fazer deste dia um dia memorável. Durante o culto da manhã de Sábado todos nós pudemos reafirmar o nosso compromisso com Deus através de uma cerimónia de Santa Ceia. Durante a tarde, numa

cerimónia batismal, oficiada pelo Pastor Paulo Neves, que contou com a presença do Pastor Albino Vieira, foi o momento de acompanharmos a Ana, o Bruno, o David e o Tiago neste começo da sua caminhada cristã. E nós, como Igreja, assumimos o compromisso de continuar a acompanhá-los daqui até à pátria celestial, onde eternamente haverá “festa no Céu”. ✨

MANUAIS DA ESCOLA SABATINA **INFANTIL**



*Os hábitos de culto familiar e de estudo da Bíblia **criam-se desde pequeninos.***



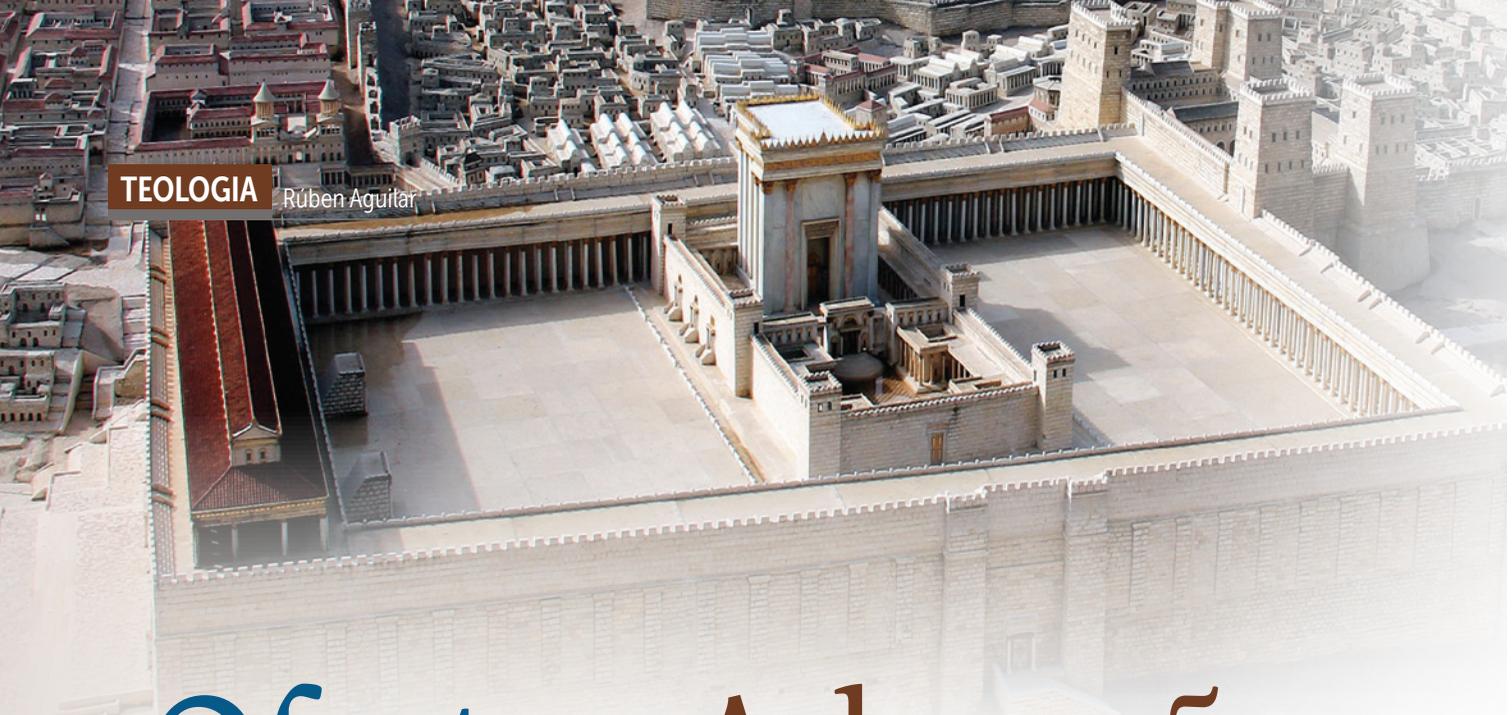
Novidade!

*Ofereça aos seus **filhos** essa oportunidade e **acompanhe-os** na caminhada com Jesus.*

ADOLESCENTES

LIGUE 21 962 62 00 OU LIVRARIA DA SUA IGREJA

 PUBLICADORA SERVIR



Oferta e Adoração

"**S**em oferta, ninguém se aproxima de Deus." Esta frase expressa o significado da palavra "oferta" na linguagem do Antigo Testamento. A religião do povo de Israel, baseada no ritualismo centrado nas cerimônias do santuário, determinou a prática de se fazer doações em ocasiões diferentes e por motivos diversos. Pela natureza e diversidade das suas formas, a variedade de ofertas mereceu uma identificação clara, mediante o uso de vocábulos específicos. A maioria das ofertas estava vinculada ao sistema sacrificial, ao passo que apenas dois tipos de ofertas não estavam relacionadas com os propósitos do ritual do santuário. Em seguida apresentamos uma breve sistematização das ofertas dos tempos bíblicos.

As ofertas que faziam parte do sistema sacrificial eram apresentadas de duas maneiras: De forma coletiva, em nome da comunidade ou de toda a nação, e de forma individual, em nome do indivíduo e do seu

núcleo familiar. As ofertas coletivas eram oferecidas principalmente nas celebrações anuais, como a Páscoa (*Pesah*), em que era sacrificado um cordeiro; a Festa dos Pães Asmos (*Hamatzoth*), caracterizada pelo consumo de

pães sem fermento e pela apresentação de ofertas estipuladas; a Festa das Primícias (*Bikurim*), no qual eram apresentados os primeiros molhos da colheita anual; o Pentecostes (*Shabuoth*), dia que definia o fim da colheita, com a oferta de pães e de cordeiros; a Festa das Trombetas (*Teru'ah*), convocação celebrada com o toque de trombetas e com sacrifícios; o Dia da Expição (*Yom Kippur*), que representava o Juízo, sendo celebrado com sacrifícios expiatórios; e a Festa dos Tabernáculos (*Sucoth*), convocação para descanso em que se ofereciam sacrifícios.

As ofertas apresentadas individualmente seguiam dois padrões: Ofertas obrigatórias e ofertas voluntárias. As ofertas obrigatórias tinham a finalidade de resolver especificamente a transgressão cometida pelo ofertante. Podia ser apresentada a oferta pelo pecado (*hatta't*),

que promovia a remoção da culpa e da penalidade do pecado e exigia a expiação mediante a confissão do pecado e a purificação da mácula. Podia também ser apresentada a oferta pela culpa (*ha'asham*), cuja finalidade era promover a expiação dos pecados por ignorância e incluía a exigência de restituição.

As ofertas voluntárias, por sua vez, traduziam a atitude, por parte do ofertante, que visava manifestar um compromisso com Deus e estabelecer uma relação de comunhão com Ele. Tais ofertas eram (1) a oferta queimada ou holocausto (*'olah*), em que o adorador se identificava com o animal mediante a imposição das mãos sobre a cabeça dele, assinalando assim a sua completa submissão a Deus; (2) a oferta de manjares (*minháh*), que consistia na apresentação de grãos de cereal, realizando a propiciação perante Deus; (3) a oferta pacífica (*shelem*), em que eram oferecidos sacrifícios de animais e apresentada uma variedade de pães com ações de graças, a que se seguia uma refeição comunitária.

Ofertas não relacionadas com o ritual do santuário

As ofertas não relacionadas diretamente com o ritual do santuário eram o dízimo (*ma'asar*) e a oferta dedicada a Deus (*qorban*).

A especificação legal do dízimo determina o seguinte: “Todos os dízimos (*ma'asar*) da terra, seja dos cereais do campo, seja das frutas, pertencem ao Senhor; são consagrados ao Senhor” (Levítico 27:30). A observância desta norma permanece no Novo Testamento, assente na

tipologia usada na Epístola aos Hebreus, onde é estabelecida uma relação entre Cristo e o dízimo, ao mencionar-se Melquisedeque como tipo do Redentor e ao afirmar-se que o patriarca Abraão ofereceu a Melquisedeque os “dízimos de tudo quanto possuía” (Hebreus 7:2-4).

O vocábulo hebraico *qorban* (“oferta dedicada a Deus”) aparece como substantivo oitenta vezes no Antigo Testamento e é considerado pelo povo de Israel como sendo uma oferta feita a Deus. Este termo é usado para designar todas as ofertas de natureza cultual e para designar tudo o que é destinado para uso no santuário. No entanto, o verdadeiro sentido desta palavra encontra-se na sua raiz hebraica, formada por três consoantes: QRB. Esta raiz hebraica significa em geral “proximidade”, significando na sua forma verbal “aproximar”, “estar perto”, “permitir aproximação”, “causar aproximação”, “trazer perto”.¹

A natureza da oferta dedicada a Deus (*qorban*) fica patente no decreto emitido pelo rei Dario tendo em vista a reconstrução do Templo de Jerusalém: “Para que ofereçam sacrifícios (*qorban*) de aroma agradável ao Deus dos Céus” (Esdras 6:10). Fica também patente nas ofertas feitas durante a dedicação (*qorban*) da Casa de Deus (Esdras 6:17). Em algumas ocasiões, o holocausto é chamado *qorban* na Lei de Moisés, quando é dedicado a Deus: “Quando algum de vós trouxer oferta (*qorban*) ao Senhor”, “se a sua oferta (*qorban*) for de gado miúdo”, “se a sua oferta (*qorban*) ao Senhor for holocausto” (Levítico 1:2, 10, 14).

O vocábulo hebraico *qorban*, além de identificar a oferta dedicada a Deus, expressa na sua raiz semântica um movimento de aproximação espacial ou geográfica, como ocorreu na fuga de Loth, na ocasião da destruição de Sodoma. Disse Loth: “Eis aí uma cidade perto (*qrb*), para a qual eu posso fugir” (Gênesis 19:20).

É necessário enfatizar que a expressão semântica da raiz hebraica que dá origem ao vocábulo *qorban* sugere a ideia de que a pessoa está tão perto do objeto que é possível “vê-lo” (Êxodo 32:19), “falar-lhe” (Levítico 10:4) e até “tocá-lo” (Números 9:6). Um sentido ainda mais expressivo está patente na conotação de “tocar com a mão” (Ezequiel 37:17). Portanto, o uso cultual da palavra hebraica *qorban* remete para uma “aproximação” a Deus.

Ofertas no Novo Testamento

As ofertas relacionadas com o ritual do santuário apontavam, em termos gerais, para o ministério redentor de Cristo. Uma vez consumado esse ministério, por meio do sacrifício do Filho de Deus na cruz do Calvário, todo o conjunto de ofertas rituais deixou de ser uma determinação a observar.

O Cristianismo, então, passou a dispensar o ritualismo observado no período do Antigo Testamento, mantendo unicamente – entre os padrões práticos da espiritualidade – a norma de contribuir com dízimos e “ofertas dedicadas a Deus”. Quanto aos dízimos, as normas e as especificações dessa prática já foram amplamente comentadas. Este artigo tem como ob-

jetivo tratar do significado das “ofertas dedicadas a Deus” enquanto parte da espiritualidade prática do Cristianismo revelada no Novo Testamento. Além do seu significado, o propósito das “ofertas dedicadas a Deus” é de extrema importância para o processo de santificação do verdadeiro adorador. Destacar essa importância é outro objetivo do presente estudo.

Durante o Seu ministério na Terra, Cristo colocou em destaque o verdadeiro significado espiritual da “oferta dedicada a Deus”. O Judaísmo tinha marginalizado o sentido de algumas normas divinas e distorcido o seu significado por meio da exigência arbitrária do cumprimento das tradições, principalmente no que dizia respeito ao Sábado e à “oferta dedicada a Deus”. Alterando a essência da Lei por causa das suas tradições, os líderes judeus manifestaram autoritarismo, ao impor restrições à observância do Sábado (Lucas 6:1-5; 13:14-17); e não escondiam a sua cobiça de bens materiais, ao estabelecer normas sobre as “ofertas dedicadas a Deus” (Marcos 7:9-13).

Para Cristo, a “oferta dedicada a Deus” devia ser um ato voluntário e não o resultado de uma imposição. Marcos, no seu Evangelho, registou a cena em

que Jesus incriminou os Judeus pela incorreta interpretação das “ofertas dedicadas a Deus” e pelo propósito desviante que lhes era atribuído. Jesus afirmou: “Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa tradição” (Marcos 7:9). Ele também se referiu ao tributo de natureza espiritual, usando o termo hebraico *qorban* (Marcos 7:11).² Nesta passagem, Cristo não condenou a “oferta dedicada a Deus” (*qorban*), mas sim a cobiça dos líderes judeus. Ao descrever a mesma cena, o evangelista Mateus utilizou a palavra grega *doron* (Mateus 15:5) para designar o hebraico *qorban*.

Na época do surgimento do Cristianismo, os rabinos discordavam entre si sobre até que ponto uma oferta consagrada como *qorban* era obrigatória. A ênfase não era tanto colocada na entrega da “oferta dedicada a Deus”, mas na prerrogativa do seu uso por determinadas pessoas. O propósito primário do uso dessa oferta devia ser (1) sustentar o Templo e (2) suprir as necessidades dos pobres.³

Oferta que nos aproxima de Deus

No Sermão da Montanha, Jesus expôs claramente a função que desempenha a “oferta dedi-

cada a Deus” como instrumento de aproximação do ofertante a Deus. Ele afirmou que, se uma pessoa, ao levar a oferta ao Templo, se lembrar de que existe um conflito pessoal entre ela e o seu irmão, é necessário que se reconcilie com o seu irmão antes de se aproximar de Deus com a sua oferta (Mateus 5:23 e 24).

Para o povo judeu, este conceito não era um novo ensino. Graças ao significado da palavra, os Judeus sabiam que a “oferta dedicada a Deus” promove a aproximação da Humanidade a Deus. No deserto de Midian, quando Moisés viu a sarça ardente, desejou aproximar-se dela, mas Deus deteve-o dizendo que, antes, ele devia cumprir um requisito (Êxodo 3:5). O *Pentateuco* relata que a aproximação do homem a Deus é tão fundada nos sentidos que os olhos humanos podem contemplar a grandeza velada de Deus e os ouvidos humanos podem até ouvir a Sua voz, como aconteceu com os líderes do povo de Israel na ocasião em que o monte ardia e fumegava, logo após a entrega das tábuas da Lei (Deuteronômio 5:22-24).

Esta aproximação foi estendida a todo o povo de Israel por meio do ato de tributar “ofertas” (*qorban*) e, assim, penetrar



nos átrios sagrados (I Crônicas 16:29). Neste texto, nota-se que o ato de o homem se aproximar de Deus tem um sentido mais amplo, buscando a reconciliação. O homem precisa de se aproximar de Deus para se reconciliar com Ele, uma vez que vive afastado por causa da sua rebelião. Era com este objetivo que a oferta (*qorban*) era apresentada como holocausto ou sacrifício queimado, conforme o mostram muitos textos do Antigo Testamento.⁴

Sacrifício vivo

A relação da oferta com o sacrifício é exposta claramente por Paulo, ao referir-se ao martírio de Jesus, pois Ele “entregou-se a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus” (Efésios 5:2). O sacrifício de Cristo é uma oferta que nos aproxima de Deus, facto a que o teólogo Berkouwer chama a “singularidade do sofrimento de Cristo”.⁵ O sacrifício de Cristo é singular, pois nele unem-se duas realidades: o facto cruento e o facto incruento, o sacrifício e a oferta. Graças à inter-relação destas ações podemos inferir que dar uma oferta é dar a vida.

A equivalência semântica existente entre as palavras “sacrifício” e “oferta” pode ser verificada com clareza nas línguas bíblicas originais. A antiga versão grega do Antigo Testamento, denominada *Septuaginta* (LXX), traduz com o vocábulo grego *aparché* os termos hebraicos que significam “sacrifício”. Este termo grego nos textos do Novo Testamento significa “oferta”, referindo-se especificamente às primícias. Outro termo usado pelo apóstolo Paulo para se re-

ferir à Cruz de Cristo é o verbo *thyo*, “sacrificar”, e o substantivo *thysia*, “sacrifício”, “oferta”. O sentido teológico e o significado semântico destes termos referem um “meio de levar a efeito uma união com a deidade”.⁶

O sacrifício de Cristo, apresentado como oferta que possibilita a aproximação do homem a Deus, é um facto consumado. Essa oferta tem um carácter redentor. Mas Paulo exorta os santos de todas as épocas a oferecerem a sua vida em “sacrifício (*thysia*) vivo” (Romanos 12:1); ou seja, a entregarem a sua vida a Deus como “oferta”. Paulo estava a referir-se à atitude existencial que promove a consagração e a santidade, mediante a prática dos encargos e das normas da vida espiritual que, em si, têm a forma de sacrifício. Mas a conotação que se destaca é a de considerar essa forma de sacrifício como uma oferta que possibilita a aproximação a Deus.

Dar ofertas é dar a vida. Deus é Quem providencia todos os recursos necessários para que o homem possa viver, mas é necessário que o homem contribua com as suas capacidades físicas e mentais para poder desfrutar dos benefícios da dádiva divina. Assim, os recursos obtidos resultam do desempenho da vida ou fazem parte da própria vida. Então, no contexto teológico, oferecer voluntariamente a “oferta dedicada a Deus” é apresentar o corpo em “sacrifício vivo” (Romanos 12:1) e isso determina a aproximação a Deus.

O adorador sincero deve reconhecer que, ao trazer voluntariamente a “oferta dedicada a Deus” (*qorban*), está a oferecer parte da sua vida. Nesse enqua-

dramento, a oferta aproxima-o de Deus. Esta oferta não tem uma quantidade ou qualidade determinada. Não deve ser parte do excesso de bens do ofertante, mas deve representar parte da sua vida, como foi o caso da viúva pobre. Essa mulher, numa situação muito difícil, trouxe duas moedinhas de valor insignificante e ofereceu-as como “oferta dedicada a Deus”, entregando todo o seu sustento (Lucas 21:1-4).

Há um desejo espiritual no interior de cada adorador que o leva a aproximar-se de Deus. Esse desejo torna-se numa realidade quando o adorador oferece todo o seu ser em sacrifício vivo, pois “sem oferta ninguém se aproxima de Deus”.⁷

Rúben Aguilar

Professor de Teologia

Publicado originalmente na *Revista Adventista* brasileira em março de 2014.

1. No léxico de língua hebraica, a lista de significados da raiz do vocábulo *qorban* é mais extensa, mas o seu sentido está sempre relacionado com a ideia de “aproximação” ou de “proximidade”. Benjamin Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1979.

2. A palavra *qorban* é a transliteração do vocábulo hebraico correspondente. Nas línguas latinas, a grafia mais frequente é *corban* ou *corbã*.

3. Estas afirmações são confirmadas com textos bíblicos, expostos ao analisar-se o significado da palavra *doron*. W. E. Vine, *Vine's Expository Dictionary of Old and New Testament Words*, Grand Rapids, Mich.: Fleming H. Revell, 1981, vol. 2, E-Li, p. 146.

4. Alguns dos textos em que o holocausto é chamado *qorban* são Levítico 1:2, 19, 14 e outros textos em Números. Segundo Roland de Vaux, no Judaísmo posterior o homem levado para perto de Deus adquire o significado de “consagrado”. Roland de Vaux, *Ancient Israel*, vol. 2, Religious Institutions, New York: McGraw-Hill, 1961, p. 417.

5. G. C. Berkouwer, *Studies in Dogmatics – The Work of Christ*, Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans, 1980, p. 136.

6. Lothar Coenen & Colin Brown, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Edições Vida Nova, 2000, vol. 2, p. 1202.



Já ocorreram os sinais no Sol, na Lua e nas estrelas?

“E LOGO DEPOIS DA AFLIÇÃO DAQUELES DIAS, O SOL ESCURECERÁ E A LUA NÃO DARÁ A SUA LUZ E AS ESTRELAS CAIRÃO DO CÉU, E AS POTÊNCIAS DOS CÉUS SERÃO ABALADAS” (MATEUS 24:29).

Para se compreender este versículo, será útil dar uma vista de olhos detalhada à macro-estrutura do capítulo, de modo a identificarmos o período de aflição ou tribulação após o qual aparecem estes sinais. O discurso de Jesus começa com a Sua predição da destruição do templo (vv. 1 e 2), que levou os discípulos a perguntarem quando tal aconteceria. Para os discípulos, que em breve seriam surpreendidos pela morte de Cristo, a longa resposta que Jesus deu deve ter parecido bastante misteriosa. De facto, depois da ressurreição, eles perguntaram-Lhe: “Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” (Atos 1:6.)

Em resposta, Jesus deixou claro que não deveríamos esperar que Deus nos desse uma linha temporal dos eventos futuros (Atos 1:7). As tentativas de encontrar um tal mapa temporal profético em Mateus 24 têm complicado a interpretação deste capítulo. Na verdade, o discurso de Jesus tem dois pontos focais principais: a destruição de Jerusalém e o fim do mundo.

A estrutura de Mateus 24.
A predição da destruição de Jerusalém e do seu Templo foi rea-

lizada muitos séculos antes por Daniel, cuja profecia Jesus nos incentiva a ler e a compreender (Mateus 24:15; cf. Daniel 9:26). Parece que os discípulos, tendo ouvido Jesus dizer que o Templo seria destruído, pensaram que este evento assinalaria o tempo do fim. Mas porque os dias finais da história da Terra ainda estavam no longínquo futuro, os discípulos estavam, sem o saber, a colocar duas questões separadas: (1) “Quando serão essas coisas?” (i.e., a destruição do Templo); e (2) “Que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?” (V. 3.)

Um estudo cuidadoso da resposta de Jesus mostra que ela tem duas partes principais, correspondendo a estas duas questões.¹ Esta estrutura é evidente devido à repetição de eventos em duas articulações diferentes do Seu discurso, incluindo a aparição de falsos Cristos (vv. 5, 23 e 24) e falsos profetas (vv. 11, 24), a tribulação (vv. 9, 21) e vários cataclismos naturais (vv. 7, 29). Além disso, na primeira parte do Seu discurso, Jesus avisa-nos de que o “fim” ainda não chegou (v. 6), que se trata apenas do “começo das dores de parto” (v. 8). A analogia com o parto em si mesmo pode sugerir dois períodos de tempo diferentes. Tal como as iniciais contrações de parto

parecem ser menos significativas quando comparadas com as contrações finais que antecedem realmente o parto, também os eventos ligados com a destruição de Jerusalém apenas prefiguravam vagamente os eventos do tempo do fim.

Cada uma das duas partes do discurso culmina com um período de juízo com eventos muito significativos. A primeira parte culmina com a “abominação da desolação” que os crentes irão reconhecer como sendo o sinal para se fugir de Jerusalém, de modo a escaparem à iminente destruição da cidade (vv. 15-20; cf. Lucas 21:20). A segunda parte, marcada pelo fim da “grande tribulação”, culmina com presságios no Sol, na Lua e nas estrelas, que os crentes irão reconhecer como sendo o sinal “de que o juízo final já começou” e que os levarão a vigiar e a prepararem-se para a vinda do Filho do Homem (vv. 29-31).²

A grande tribulação. A natureza da grande tribulação e dos fenómenos cósmicos que a seguem contrasta agudamente com as descrições mais generalizadas que foram feitas anteriormente no discurso. Ali, Jesus avisa os Seus discípulos de que sofrerão tribulação e perseguição e de que, em resultado dis-

so, muitos se escandalizarão (vv. 9 e 10). No entanto, mais tarde Jesus refere-Se a uma “grande tribulação” diferente de qualquer outro período anterior. De facto, esses dias são tão severos que eles serão abreviados por causa dos escolhidos (vv. 21 e 22).³ Estas duas referências à tribulação envolvem a perseguição daqueles que permanecem fiéis a Jesus. A segunda referência à tribulação, que surge na segunda parte do discurso, não deve ser confundida com o tempo da cólera de Deus, quando são deramadas as sete últimas pragas, identificadas no livro de Apocalipse como sendo o juízo de Deus sobre os ímpios.⁴ O Novo Testamento usa quase sempre o termo “tribulação” para se referir à perseguição do povo de Deus pelas autoridades e pelos poderes humanos, e este é claramente o seu significado em Mateus 24.

A primeira menção da tribulação parece referir-se à severa perseguição dos Cristãos fiéis pelos imperadores romanos pagãos, que ocorreu do primeiro ao quarto séculos (cf. Apocalipse 1:9; 2:9 e 10). Mas esta tribulação foi esporádica e mais limitada no espaço e no tempo quando comparada com a longa e sistemática perseguição dos crentes fiéis durante o período de 1260 anos, que





começou em 538 d.C. e terminou em 1798 d.C. (Daniel 7:25; Apocalipse 12:6, 14), perseguição essa que foi tornada possível graças à aquisição do poder imperial por parte da Igreja. Este segundo período de perseguição, aqui chamado a “grande tribulação”, foi abreviado pela neutralização do poder perseguidor do Papado durante a Revolução Francesa e o estabelecimento da separação entre a Igreja e o Estado por parte dos Estados Unidos da América no século XVIII (Apocalipse 13:3, 11). Porque esta “grande tribulação” é abreviada pela intervenção providencial de Deus (cf. Marcos 13:20), ela não se pode referir às pragas que caem sobre os ímpios durante o tempo de angústia, mas deve referir-se à tribulação e à perseguição do povo fiel de Deus por parte dos poderes terrestres.

Presságios no Sol, na Lua e nas estrelas. É após a grande tribulação (Mateus 24:29/Marcos 13:24) que aparecem os fenômenos cósmicos e começa o tempo de aguardar a vinda do Filho do Homem (Mateus 24:42-44). Considerando a ligação destes presságios no Sol, na Lua e nas estrelas com o fim da grande tribulação, deveríamos esperar que eles se manifestassem no final do século XVIII. Também é importante notar que a sequência Sol-Lua-estrelas é a mesma sempre que estes fenômenos são mencionados no Novo Testamento (Mateus 24:29; Marcos

13:24; Lucas 21:25; Apocalipse 6:12 e 13). Esta sequência fixa sugere que se deve esperar um cumprimento específico.

Considerando-se o tempo e a sequência previstos destes fenômenos, o “Dia Escuro” de 19 de maio de 1780, quando foi necessário acender velas ao meio-dia e uma neblina escura obscureceu a Lua, ajusta-se bem à descrição dada por Jesus, segundo a qual o Sol e a Lua seriam obscurecidos. Este evento foi seguido, algumas décadas mais tarde, pela grande chuva de meteoros das Leônidas, ocorrida a 13 de novembro de 1833, em que foram observados cerca de sessenta mil meteoros por hora, dando origem à nova ciência da astronomia de meteoros.⁵ Estes fenômenos naturais, abarcando um período breve que se estendeu do final do século XVIII até ao início do século XIX, permanecem inigualados na América do Norte em termos de impacto religioso, intensidade e visibilidade.⁶ Dada a sua importância, sequência e tempestividade, eles constituem o mais provável cumprimento da profecia de Jesus em Mateus 24. Embora exista alguma indicação de que sinais semelhantes podem preceder imediatamente o Segundo Advento,⁷ os anos que passaram desde o cumprimento da profecia sobre o Sol, a Lua e as estrelas tornam muito mais relevante o aviso com que Jesus conclui esta parte do Seu discurs-

so: “Por isso, estai vós apercebidos, também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis” (Mateus 24:44). ✦

Clinton Wahlen
Teólogo

Extraído da obra
Interpreting Scriptures.

1. Veja também o capítulo de Richard Davidson sobre Mateus 24:34 em Gerhard Pfandl (ed.), *Interpreting Scripture – Bible Questions and Answers*, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2010, pp. 289-292.
2. Richard M. Davidson, “The Second Advent and the Fullness of Time”, *Ministry*, 73, junho-julho 2000, p. 45.
3. Cf. *Idem*, p. 47, nota 25, que sugere – em linha com Mateus 24:29/Marcos 13:24 – que estes sinais aparecem após a tribulação, que cessou “por volta de 1750” (cf. Marcos 13:19 e 20).
4. A grande tribulação e os fenômenos cósmicos descritos por Jesus e semelhantes descrições por João (Apocalipse 6:12-14; 7:14) são bastante diferentes das referências às sete últimas pragas ou ao “tempo de angústia” que precedem imediatamente o Segundo Advento. O período das pragas é chamado o tempo da “cólera de Deus” (15:1, 7; 16:1, etc.) e não deveria ser confundido com a fúria ou a tribulação inspirada por Satanás que é dirigida, não contra os ímpios, mas contra o povo de Deus (12:12-16).
5. Sobre o Dia Escuro, veja-se Joseph Dow, *History of Hampton*, em: www.hampton.lib.nh.us/HAMPTON/history/dow/chap12/dow12_14.htm, enquanto a informação sobre os meteoros e as chuvas de meteoros é dada pela revista *Astronomy*, em: www.astronomy.com/asy/default.aspx?c=a&id=2109.
6. C. Mervyn Maxwell diz: “Eles [os sinais de Mateus 24:29] ocorreram onde viviam pessoas que reparariam neles. Eles estimularam uma ampla reflexão. Eles desempenharam um papel importante ao alertar aqueles que tinham ‘ouvidos para ouvir’ para o começo do juízo final e para a chegada do tempo do fim” (*God Cares*, 2 vols, Nampa, ID: Pacific Press, 1985, vol. 2, p. 214).
7. Veja Joel 3:15 e 16 (cf. 2:10); Tim Poirier, “The End of a Sign, or a Sign of the End?” *Adventist Review*, 13 de novembro de 2008, p. 21.



Minneapolis, 1888

Um marco na história do Adventismo

Ao longo de mais de cem anos os Adventistas do Sétimo Dia têm olhado para a sessão da Conferência Geral de 1888 como um marco na sua História, um importante ponto de viragem no seu desenvolvimento teológico. Ela é considerada a reunião teológica mais importante na história da Igreja. Embora tenha durado menos de um mês, tanto a sessão de Minneapolis (17 de outubro a 4 de novembro) como o Instituto Ministerial que a precedeu (10 a 16 de outubro) transformaram o aspeto do Adventismo.

Acontecimentos que levaram a Minneapolis

Após o Grande Desapontamento de 1844 os nossos pioneiros concentraram a

sua pregação na proclamação de verdades importantes, os chamados velhos marcos da verdade: o santuário, o espírito de profecia, as men-

sagens dos três anjos, a imortalidade condicional, o Segundo Advento e o Sábado. As verdades sobre a salvação e sobre a justificação pela fé foram mantidas na retaguarda, porque estas verdades eram também ensinadas pela maioria das outras Igrejas. Porque ensinar um Batista ou um Metodista sobre a salvação, se eles já estavam familiarizados com essa verdade? Aquilo que eles não conheciam era o Sábado, o estado dos mortos, a verdade sobre o santuário, etc.. Assim, os nossos pioneiros enfatizaram aquelas doutrinas que nos distinguiam – especialmente o Sábado e os Dez Mandamentos.



E. J. Waggoner

Infelizmente, devido à grande ênfase sobre a Lei, a espiritualidade esmoreceu e não poucos entre os Adventistas tornaram-se decididamente legalistas. O orgulho, a autoconfiança e a

complacência penetraram nas nossas fileiras. O que faltava era uma experiência viva com Cristo – a alegria e a paz que advêm de se ter uma relação com Cristo. A Lei e a guarda da Lei tornaram-se no mais importante. Ellen White, considerando a situação, escreveu: “Enquanto povo, temos pregado a Lei até estarmos tão secos como as colinas de Gilboa, que não tem orvalho nem chuva. Temos de pregar Cristo na Lei.”¹

O Instituto Ministerial, 10 a 16 de outubro de 1888

Quando pensamos na Assembleia de Minneapolis de 1888 dois nomes vêm à mente: A. T. Jones e E. J. Waggoner. Eles eram amigos chegados e ambos eram editores da *Signs of the Times*, na Califórnia. Alonzo T. Jones, com 38 anos, tinha servido no Exército Americano e era um autodidata. Elliot J. Waggoner, com 33 anos, tinha tido, por contraste, uma educação clássica, tinha estudado para ser médico e tinha trabalhado algum tempo no Sanatório de Battle Creek, mas o seu desejo era ser um evangelista, pelo que mudou de carreira e tornou-se pastor.

Na reunião de obreiros que duraria uma semana, antes da realização da assembleia da Conferência Geral, uma das questões que dividiam os pastores era o conflito sobre a Lei em Gálatas 3:24. A questão era a seguinte: Que Lei é o pedagogo? A Lei moral ou a Lei cerimonial? Em 1886, O. A. Johnson tinha publicado um artigo na *Review and Herald* intitulado “As duas Leis”, no qual ele afirmava que “a Lei em Gálatas é a Lei cerimonial”.² Uns meses mais tarde, E. J. Waggoner publi-

cou uma série de nove artigos na *Signs of the Times*, nos quais afirmava que a Lei em Gálatas era a Lei moral. Ellen White, que nessa data estava a viver em Basileia, na Suíça, escreveu uma carta de repreensão aos dois editores na Califórnia por terem publicado artigos que revelavam ao mundo que as duas revistas da Igreja divergiam sobre certos ensinamentos. Ela não tomou partido; ela simplesmente não gostara do modo como as coisas tinham sido feitas.

Quem tinha razão? É claro que a resposta é: ambos. Ambas as Leis conduzem para Cristo. Alguns anos mais tarde, em 1896, Ellen White escreveu: “Nesta passagem [Gálatas 3:24], o Espírito Santo, pelo apóstolo, refere-Se especialmente à Lei moral. A Lei revela-nos o pecado, levando-nos a sentirmos a nossa necessidade de Cristo e a fugirmos para Ele em busca de perdão e paz.”³

No entanto, em 1888, ela recusou-se a responder – provavelmente porque ela própria não conhecia a resposta nessa data.

A assembleia de Minneapolis

A assembleia da Conferência Geral reuniu-se a partir de 17 de outubro. Cerca de 90 delegados representavam 27 000 membros de Igreja. O progresso dos novos campos missionários, a distribuição do trabalho ministerial, o evangelismo urbano, um novo navio para o Pacífico Sul (o *Pitcairn*) e muitos outros assuntos foram abordados. Mas hoje todos os assuntos ordinários desta assembleia da Conferência Geral foram em grande parte esquecidos. Aquilo que nós ainda nos recordamos é que “Na Sua grande misericórdia, enviou o Senhor uma pre-

ciosa mensagem ao Seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones. [...]. Apresentava a justificação pela fé no Fiador [Cristo]; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus”.⁴

Foi pedido a Waggoner que apresentasse uma série de palestras sobre a justificação pela fé. Nós não sabemos exatamente o que Waggoner disse, porque apenas a partir de 1891 é que foram registados todos os estudos bíblicos realizados nas sessões da Conferência Geral, mas, a partir daquilo que ele escreveu antes e depois de Minneapolis, temos uma ideia aproximada do que ele ensinou.

Até 1888 pensava-se, em geral, que se podia alcançar uma justificação aceitável para Deus (com a ajuda do Espírito Santo, claro está!) pela obediência aos mandamentos. Dito de outro modo, a santificação era vista como a base da salvação.

A obra de Cristo na justificação era vista, sobretudo, em relação aos nossos pecados do passado. Um artigo não assinado publicado num dos primeiros números da *Signs of the Times* afirmava: “Dado que todos violaram a Lei de Deus e não podem por si mesmos render obediência aos Seus justos requisitos, estamos dependentes de Cristo: primeiro para a justificação em relação às ofensas passadas e, em segundo lugar, para obter graça de modo a rendermos uma obediência aceitável à Sua santa Lei no futuro.”⁵

Ora, Waggoner apareceu e disse: (1) a obediência do homem nunca poderá satisfazer a Lei de Deus; (2) a justiça imputada de

Cristo é a única base para a nossa aceitação por Deus; e (3) nós necessitamos continuamente de ser cobertos pela justiça de Cristo, e não apenas por causa dos nossos pecados passados.

Qual foi a reação dos seus ouvintes? Alguns aceitaram a mensagem e apoiaram Waggoner (E. G. White, W. C. White, S. N. Haskell, etc.); outros rejeitaram a mensagem (U. Smith, J. H. Morrison, L. R. Conradi, etc.); mas a maioria ficou indecisa; eles não sabiam em que acreditar. Aqueles que se opuseram à mensagem manifestaram-se abertamente. A certa altura, Ellen White estava tão desencorajada que quis ir embora, mas o anjo do Senhor disse-lhe: “Não! Deus tem um trabalho para tu fazeres neste lugar. O povo está a repetir a rebelião de Coré, Datan e Abiram.”⁶

Por fim, a maioria dos que se opuseram à mensagem mudaram de atitude e aceitaram a mensagem da justificação pela fé, embora alguns tenham deixado a Igreja.

Após a sessão de Minneapolis, a senhora White juntou-se a A. T. Jones e E. J. Waggoner na tarefa de levar a mensagem da justificação pela fé às igrejas. De costa a costa, eles visitaram as reuniões campais, as reuniões de obreiros e as escolas bíblicas. Em 1889, ela podia escrever: “Nunca vi uma obra de reavivamento avançar de modo tão meticuloso e, no entanto, permanecer tão isenta de excitação indevida.”⁷ Após Minneapolis, muitos livros tendo por tema a justificação pela fé foram escritos; por exemplo, *Aos Pés de Cristo* e *O Desejado de Todas as Nações*.

Compreender-se o que aconteceu em Minneapolis é importante porque algumas pessoas hoje afirmam que a Igreja rejeitou a mensagem de Minneapolis e apelam para que se verifique um arrependimento coletivo por parte da Igreja. Outros afirmam que a natureza de Cristo foi o ponto central da mensagem de Waggoner. Dado que no seu livro *Christ and His Righteousness* (Cristo e a Sua Justiça), de 1890, Waggoner sugeriu que Cristo tomou sobre Si a carne pecadora com tendências pecadoras, pretende-se que a Igreja rejeitou a mensagem porque nunca aceitou oficialmente que Cristo tinha tendências pecadoras. No entanto, não há provas de que Waggoner tenha abordado a natureza de Cristo em Minneapolis. A sua ênfase foi colocada na relação entre a justiça de Cristo e a Lei.

A sessão da Conferência Geral de Minneapolis em 1888 foi um ponto de viragem na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Através de Waggoner e Jones, apoiados por Ellen White, a Igreja foi salva de uma compreensão incompleta do Evangelho. ♣

Gerhard Pfandel

Diretor-Associado do Instituto de Pesquisa Bíblica

Publicado originalmente na *Adventist World* em janeiro de 2010.

1. “Christ Prayed for Unity Among the Disciples”, *Review and Herald*, 11 março de 1890.
2. “The Two Laws”, *Review and Herald*, 16 de março de 1886.
3. *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 234.
4. *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, pp. 91 e 92.
5. “Fundamental principles”, *Signs of the Times*, 4 junho de 1874.
6. Carta 2a, 1992.
7. *Review and Herald*, 5 março de 1889.

O santuário celestial

Em março de 1845, O. R. L. Crosier publicou o seu primeiro artigo no jornal *Day-Dawn*, sugerindo que Jesus começou o Seu ministério no Lugar Santíssimo do santuário celestial em 22 de outubro de 1844. Ele desenvolveu mais esta ideia sobre o antitípico dia da expiação num longo artigo intitulado “A Lei de Moisés”, publicado no jornal *Day-Star Extra* de 7 de fevereiro de 1846.¹

Ellen White confirmou a sua apresentação do tema quando escreveu em 1847: “O Senhor [mostrou-me] em visão, há mais de um ano, que o irmão Crosier tinha a verdadeira luz sobre a purificação do santuário.”² Embora Ellen White tenha enriquecido a compreensão do santuário celeste ao identificar Jesus como nosso Sumo-Sacerdote, foram as exposições bíblicas de Crosier que construíram os fundamentos da doutrina sobre o santuário.

O Sábado

O conhecimento da perenidade do Sábado chegou aos Adventistas através da influência dos Batistas do Sétimo Dia. Rachel Oakes, uma Batista do Sétimo Dia em Washington, New Hampshire, partilhou a verdade sobre o Sábado com Frederick Wheeler. Wheeler influenciou T. M. Preble, o qual, por sua vez, escreveu um artigo e um folheto em fevereiro e março de 1845 que conduziram Joseph Bates até à verdade sobre o Sábado.³ Bates escreveu o seu importante folheto *O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo* em agosto de 1846.⁴

Sendo ainda recém-casados, James e Ellen White estudaram

este folheto com as suas Bíblias abertas e tornaram-se observadores do Sábado. Ellen White não recebeu uma visão sobre o Sábado senão no ano seguinte. Ela tinha ouvido Bates falar sobre o Sábado antes de ter lido o seu folheto, mas “não compreendia a sua importância”.⁵ Deus não lhe deu uma visão para lhe indicar a importância do Sábado. Pelo contrário, Ele esperou que ela estudasse a Bíblia para estabelecer a sua fé nesta importante questão doutrinal.

O Sábado e o Santuário unem-se

O desenvolvimento teológico mais importante para os Adventistas do Sétimo Dia não foi o Sábado ou o santuário celeste como doutrinas individuais, mas sim a integração destas duas doutrinas numa mensagem final para o mundo. A segunda edição, de janeiro de 1847, do folheto de Joseph Bates sobre o Sábado apresentava a ideia, baseada em Apocalipse 11:19 e 14:12, de que o Sábado era uma “verdade presente” com importância para o tempo do fim.

Apocalipse 11:19 descreve o templo aberto no Céu, vendo-se a Arca da Aliança no Lugar Santíssimo. Na Arca estão os Dez Mandamentos. As mensagens dos três anjos chamam-nos a adorarmos Deus como Criador e descrevem os santos como sendo aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus”. Para Bates, o Sábado tinha uma grande importância escatológica por causa das suas ligações com o ministério de Jesus no Lugar Santíssimo.

Ellen White leu o folheto revisado de Bates. Em abril de 1847, a sua “visão sobre a auréola do

Sábado” trouxe uma demonstração visual de Apocalipse 11:19 e confirmou o que Bates já tinha publicado. Na visão, ela viu Jesus, no Lugar Santíssimo, a abrir a Arca da Aliança e a pegar nos Dez Mandamentos. Quando Ele abriu as duas tábuas de pedra, ela olhou e viu “um halo de glória” que circundava o quarto mandamento.⁶ A sua visão aduziu uma importante aplicação para a compreensão da Bíblia por parte dos Adventistas. Ela viu que os Adventistas “saíram a proclamar o Sábado mais amplamente”.

Esta visão confirmadora ajudou a ancorar a importância escatológica do Sábado e forneceu ímpeto para uma nova proclamação evangelística do Evangelho no interior do contexto do Sábado. Esta doutrina faz parte integral das três mensagens angélicas e é o fundamento teológico nuclear para a missão evangelística da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Assim, vemos que as doutrinas fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia – o Santuário, o Sábado e a integração dos dois para promover a missão evangelística – não estão baseadas nas visões de Ellen White, mas sim numa cuidadosa investigação bíblica. As visões desempenharam um papel complementar confirmado, corrigindo e enriquecendo. Ellen White foi sempre muito clara sobre o facto de que a fé e as práticas Adventistas estão baseadas na Bíblia, não nas suas visões. No seu primeiro folheto, publicado em 1851, ela escreveu: “Recomendo-vos, caro Leitor, a Palavra de Deus como regra da vossa fé e prática. Por essa Palavra sere-



mos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos 'últimos dias'; não para uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica.”⁷

O Dízimo

Todas as crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiram através do estudo da Bíblia e não foram originadas pelas visões de Ellen White. Um exemplo adicional disto é a doutrina sobre o dízimo.

Em abril de 1858, J. N. Andrews liderou uma classe bíblica em Battle Creek, Michigan, nos Estados Unidos, para se descobrir como deveria ser suportado o ministério evangélico.⁸ Isto levou à adoção, em 1859, de um plano de ofertas chamado Benevolência Sistemática. A primeira orientação era que os “irmãos” deveriam colocar de lado 5 a 25 centavos por semana e as “irmãs” 2 a 10 centavos por semana. Além disso, era pedido àqueles que tivessem propriedades que colocassem de lado 1 a 5 centavos por cada 100 dólares do valor da sua propriedade. Não foi mencionado o dízimo.

Ellen White apoiou a Benevolência Sistemática com as seguintes palavras: “Deus está a conduzir o Seu povo no plano da Bene-

volência Sistemática.”⁹ Mas Deus não corrigiu através das visões de Ellen White o plano para que ele refletisse os ensinamentos bíblicos sobre o dízimo. Só a partir de 1876 foi implementado o plano do dízimo presentemente praticado pelos Adventistas do Sétimo Dia.¹⁰ Nessa data Deus usou o dom profético para dar orientações sobre como melhor aplicar o dízimo para financiar o ministério evangélico e a missão da Igreja.

Mais uma vez as visões confirmaram, corrigiram e enriqueceram; mas não deram origem à doutrina. Deus esperou até que a Sua Igreja estudasse o assunto do dízimo a partir da Bíblia. É mais importante para os Adventistas construírem a sua fé no fundamento bíblico do que chegarem rapidamente a uma perspectiva correta através das visões proféticas.

Podemos estar gratos pelo modo como o ministério profético de Ellen White interagiu com o desenvolvimento doutrinário Adventista. Um dos sinais de que ela é uma verdadeira profetisa é a sua orientação virada para as Escrituras. Deus usou o dom profético para encorajar, confirmar, corrigir e enriquecer as crenças fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia. A Bíblia permanece a fonte de toda a doutrina. Foi atra-

vés do cuidadoso estudo bíblico, e não através das visões, que Deus levou os Adventistas do Sétimo Dia até às crenças fundamentais que presentemente valorizamos e partilhamos com o mundo. ✦

Merlin D. Burt

Diretor da filial do White Estate na
Universidade de Andrews

Publicado originalmente na *Adventist World* em setembro de 2013.

1. O. R. L. Crosier e F. B. Hahn, *Day-Dawn*, publicado na última página do *Ontario Messenger*, 26 de março de 1845; O. R. L. Crosier, “The Law of Moses”, *Day-Star Extra*, 7 de fevereiro de 1846.
2. Ellen G. White a Eli Curtis, 21 de abril de 1847, in [James White], *A Word to the “Little Flock”*, Brunswick, Maine: James White, 1847, p. 12.
3. Thomas M. Preble, “The Sabbath”, *Review and Herald*, 23 de agosto de 1870, reimpresso de *Hope of Israel*, 28 de fevereiro de 1845; *Tract, Showing That the Seventh Day Should be Observed as the Sabbath, Instead of the First Day, According to the Commandment*, Nashua, NH: Murray and Kimball, 1845.
4. Joseph Bates, *The Seventh Day Sabbath, A Perpetual Sign, From the Beginning to the Entering Into de Gates of the Holy City, According to the Commandment*, New Bedford, Mass.: Benjamim Lindsey, 1846.
5. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 1, p. 76.
6. Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, p. 33.
7. *Idem*, p. 78.
8. John N. Loughborough, *The Church, Its Order, Organization and Discipline*, p. 107.
9. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 1, p. 191.
10. D. M. Canright, “Systematic Benevolence, or the Bible Plan of Supporting the Ministry”, *Review and Herald*, 17 de fevereiro de 1876; “Systematic Benevolence”, *Review and Herald*, 12 de dezembro de 1878.

Lei e liberdade

“Desde o início do Grande Conflito no Céu”, escreveu Ellen White, “o objetivo de Satanás tem sido subverter a Lei de Deus” (*O Grande Conflito*, p. 485, ed. P. SerVir). Porquê? Porque a Lei, enquanto fundamento do governo de Deus, expressa a integridade moral do Cosmos, e derrubar essa Lei seria derrubar a ordem moral da própria Criação. Pense nisto. Se não existisse Deus, nem vida, o Universo seria amoral. Não imoral, isto é, contrário à moral, mas amoral, isto é, sem moral. Isto porque nada nele – tais como rochas sem vida revolvendo-se através de um Cosmos sem Deus – poderia manifestar qualidades morais. No entanto, Deus existe. Os seres humanos também existem, e nós fomos criados como seres morais, com a capacidade de dar e receber amor. No entanto, para este amor poder existir, a liberdade, *liberdade moral*, também deve existir, porque o amor é um conceito moral que não poderia surgir num Universo amoral (como um que fosse composto apenas por rochas e espaço frio). Mas a moralidade é a habilidade de escolher o justo ou o injusto, o bem ou o mal. E o único modo de o Universo ser moral, isto é, permitir que exista o potencial para o bem ou para o mal, para o justo ou para o injusto, seria ter ele uma Lei que os define. E, claro está, ele possui essa Lei. “Que diremos pois? É a lei pecado? De modo nenhum; mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concu-

piscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás” (Rom. 7:7). É pecado ter cabelo ruivo? Porque não? Porque a Lei de Deus não proíbe o cabelo ruivo. Se ela o proibisse, como proíbe a cobiça, então ter cabelo ruivo seria pecado. Mas algo não pode ser pecado se não houver uma Lei divina que o defina como tal.

A moralidade sem a Lei é tão impossível como um pensamento sem uma mente. O nosso Universo é moral porque Deus criou seres livres que devem responder pela observância ou inobservância dessa Lei. Se não houvesse uma Lei contra a cobiça, não haveria o pecado da cobiça; se não houver uma Lei contra o cabelo ruivo, não haverá o pecado do cabelo ruivo – não importa quantos cobiçadores de cabelo ruivo povoem o Universo. Paulo, usando uma linguagem metafórica, apresenta de novo esta ideia: “E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri; e o mandamento, que era para a vida, achei eu que me era para a morte. Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou. E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom” (Rom. 7:9-12). Embora o contexto seja o da salvação através da fé em Jesus, sem as obras da Lei, a tese de Paulo é a de que a Lei revela o pecado. Fotões, Palmeiras, vírgulas, computadores e rochas que atravessam o espaço vazio não necessitam de leis morais, porque não são entidades morais. Os seres humanos são-no, e o que define a nossa moralidade é a Lei de Deus, os

Dez Mandamentos. Considere a seguinte ligação lógica: Deus criou os seres humanos como criaturas que podem amar. No entanto, o amor não pode existir sem a liberdade, a liberdade moral. E a liberdade moral não pode existir sem a Lei, a Lei moral. O amor supõe a liberdade e a liberdade supõe a Lei. Assim sendo, o coração do governo de Deus, o fundamento desse governo, um governo de amor, tem de ser a Sua Lei. Por isso a profetisa escreveu aquilo que escreveu sobre o desejo de Satanás de “subverter a Lei de Deus”. O ataque dele contra a Lei é um ataque não apenas contra o caráter de Deus, mas também contra a própria ordem da Criação. “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos” (I João 5:3). O elo de ligação entre amar Deus e guardar os Seus mandamentos é mais forte do que pensamos, até que percebemos que podemos amar Deus porque vivemos num Universo onde existe amor. E ele existe porque o Universo é moral, e a moralidade é baseada, pelo menos para nós, seres criados (diferentemente da Deidade e do amor que existe no Seu interior), nos Dez Mandamentos.

Ironicamente, o amor, a moralidade e a liberdade estão enraizados na Lei de Deus, o que explica porque Satanás odeia essa Lei e porque Deus nos ordena que a observemos. ✎

Clifford Goldstein

Editor do Manual da Escola Sabatina
Publicado originalmente na *Adventist Review* em 21 de julho de 2011.





PREÇO ANTERIOR ~~9,00€~~

PREÇO ESPECIAL

4,50€

“E foi assim que, pelas razões mencionadas ao longo deste livro, ‘fui resgatado da vã maneira de viver que por tradição havia recebido dos nossos antepassados’. I Ped. 1:18.”

Ernesto Ferreira,
em *A Verdade Cristã*



Uma obra fundamental de descoberta, testemunho e decisão.

APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE

LIGUE 21 962 62 00 OU LIVRARIA DA SUA IGREJA

ACOMPANHE ESTA E OUTRAS NOVIDADES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

 PUBLICADORA SERVIR

 twitter.com/PSerVir

 facebook.com/PSerVir